

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - PPGFIL

JOSÉ EUDO BEZERRA

A PHYSIOLOGÍA DE EPICURO: ASPECTOS GNOSIOLÓGICOS

NATAL/RN

2008

JOSÉ EUDO BEZERRA

A PHYSIOLOGÍA DE EPICURO: ASPECTOS GNOSIOLÓGICOS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Markus Figueira da Silva

NATAL/RN

2008

JOSÉ EUDO BEZERRA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

A PHYSIOLOGÍA DE EPICURO: ASPECTOS GNOSIOLÓGICOS

Aprovada em.../.../.../

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Membro

Membro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho dissertativo à minha esposa Rejane, a meus filhos Arthur Vinícius e Pedro Vítor e aos professores que colaboraram com o conhecimento filosófico nesta trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a meu protetor São José, por me ter dado força e determinação para vencer os obstáculos ao longo desta.

Gostaria de agradecer todo o corpo docente do Mestrado em Filosofia da UFRN.

A meus pais, Antônio e Helena, a meus irmãos: Jeremias, Maria de Lourdes e Flávio que sempre estiveram presentes na minha vida e em minha educação, apoiando-me, incentivando-me e torcendo pelo meu sucesso e crescimento pessoal.

A minha esposa e a meus filhos pela sua compreensão, carinho e apoio nos momentos mais turbulentos, que não foram poucos, ao longo deste estudo.

A professores Anastácio e Jaimir, pelas contribuições na banca de qualificação.

Aos meus professores formadores e, em especial a meu orientador, Dr. Markus Figueira da Silva, pela sua dedicação e orientação durante todo o curso da pesquisa.

A meu padrinho, Monsenhor Ausônio Tércio de Araújo, que sempre esteve a meu lado durante uma boa parte de minha vida acadêmica; solidário nos momentos em que eu mais necessitava de ajuda e apoio humano.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

O homem bem-nascido se dedica principalmente à sabedoria e à amizade: dois bens, dos quais um é mortal, e o outro imortal” (Epicuro).

RESUMO

Este trabalho tem como propósito discutir uma compreensão acerca da *physiología* no pensamento de Epicuro. A questão principal para tal propósito pode ser resumida em: De que modo o homem pode ter uma compreensão da realidade (*phýsis*)? Para respondê-la, faz-se necessário compreender e discutir o modelo gnosiológico epicúreo. O primeiro passo consiste na exposição dos argumentos gerais de Epicuro sobre o seu pensamento atomista. O segundo está em apresentar o modo pelo qual ele fundamenta a *physiología* como compreensão da *phýsis*. Outro problema a ser investigado refere-se à questão dos critérios para a compreensão da *phýsis* apresentada por Epicuro. A sua gnosiologia tem como propósito evidenciar que é nas sensações (*aísthesis*) onde se origina o conhecimento. É pelas sensações que podemos validar o que conhecemos. No processo cognitivo do homem com a realidade, Epicuro apresenta o valor das afecções como critério de verdade, possibilitando ao indivíduo emitir juízos e significados. Ademais, outro elemento fundamental na sua gnosiologia refere-se às *prolépsis* ou antecipações que são responsáveis pelas elaborações intelectivas formuladas pelo indivíduo cognoscente. E, por fim, no que se refere ao processo cognitivo a participação da *alma* (*psyché*) como instrumento que possibilita a projeção dessas etapas do conhecer humano ao grau mais elevado do conhecimento. Outro problema a ser apresentado neste estudo refere-se ao alcance e limites do conhecimento. A partir da *phýsis* as opiniões são constituídas, proporcionando ao homem agir em conformidade com a natureza. Entretanto, o modelo gnosiológico epicúreo tem como ponto central um saber aplicável aos acontecimentos da vida prática, possibilitando ao *physiologós* uma investigação contínua e permanente da *phýsis*.

RÉSUMÉ

Ce travail a comme intention discuter une compréhension concernant la *physiología* dans la pensée d'Epicure. La question principale pour cette intention peut être résumée comme: de quelle manière l'homme peut posséder une compréhension de la réalité (*phýsis*)? Pour répondre ça, il se fait nécessaire comprendre et discuter le modèle gnosiologique epicureenne. La première étape consiste à l'exposition des arguments généraux d'Epicure sur sa pensée atomiste. La seconde étape présente la manière par laquelle Epicure a fondé sa *physiología* comme compréhension de la *phýsis*. D'autre problème pour enquêter se rapporte à la question, présentée, par Epicure, des critères pour la compréhension de la *phýsis*. Sa gnosiologie a comme intention prouver que c'est dans les sensations (*aísthesis*) où la connaissance se donne lieu. C'est par les sensations que nous pouvons valider ce que nous connaissons. Dans le processus cognitif de l'homme avec la réalité, Epicure présente la valeur des affections comme critère de vérité, en rendant possible à la personne d'émettre des jugements et des significations. De plus, autre élément fondamental dans sa gnosiologie rapporte à la *prolépsis* ou aux anticipations qui sont responsables des élaborations intellectives formulées par la personne connaissant. Finalement, en ce qui concerne le *processus* cognitif la participation de l'âme (*psyché*), comme instrument qui rend possible la projection de ces étapes de la connaissance humaine au degré le plus élevé de la connaissance. D'autre problème présenté dans cette étude se rapporte à la portée et aux limites de la connaissance. À partir de la *phýsis* les opinions sont constitués, en fournissant a l'homme agir conformément à la nature. Néanmoins, le modèle gnosiologique epicureene a comme point central un savoir applicable aux événements de la vie pratique, en rendant possible au *physiologós* une recherche continu et permanent de la *phýsis*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A PHYSIOLOGÍA EPICÚREA	15
2.1	O TODO (TÒ PAN)	16
2.2	OS ÁTAMOS: PROPRIEDADES, CARACTERÍSTICAS E MOVIMENTOS ATÔMICOS	19
2.3	O MOVIMENTO	24
2.4	O VAZIO	25
2.5	O TODO E OS INFINITOS MUNDOS	28
2.6	O TEMPO	30
2.7	ALMA E CORPO	32
3	CRITÉRIOS PARA A COMPREENSÃO DA PHÝSIS	36
3.1	AS SENSações (AÍSTHESIS) COMO PONTO DE PARTIDA DO CONHECIMENTO	37
3.2	AS AFECÇÕES (PÁTHOS)	42
3.3	AS ANTECIPAÇÕES (PROLÉPSIS)	45
3.4	A ELABORAÇÃO DO PENSAMENTO (EPIBOLÉ TÈS DIANÓIAS)	49
3.5	A ALMA (PSYCHÉ) E OS PROCESSOS MENTAIS	52
4	A FINALIDADE DO CONHECIMENTO EM EPICURO	55
4.1	O MÉTODO EPICÚREO	57
4.2	A FINALIDADE DO CONHECIMENTO: UM SABER APLICÁVEL À VIDA PRÁTICA	61
4.2.1	O prazer constitutivo (hedoné katastematiké)	63
4.2.2	O cálculo dos desejos	65
4.2.3	Comedimento prático ou sabedoria no agir (phrónesis)	71
4.2.4	Corpo: enquanto eustathéia ou boa disposição	73
4.2.5	A autárkeia	75
4.3	A FILOSOFIA COMO UM SABER PARA A VIDA (TECHNÉ TIS PERÍ TON BION)	76
4.4	A NÃO NECESSIDADE DE ESTABELEECER UMA VERDADE ABSOLUTA SOBRE A REALIDADE	80

5	CONCLUSÃO	83
	REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

A Grécia do século IV vivencia um ambiente de conquista e ampliação do império com Filipe da Macedônia e, posteriormente, com seu filho Alexandre Magno. Este contexto modificou a vida do homem grego, proporcionando-lhe uma crise intrínseca, uma perda de identidade, conseqüentemente, uma perda de liberdade política que teve início com o domínio macedônio e depois romano.

Para o historiador Heródoto, o que diferenciava o homem grego dos outros povos era a sua consciência de liberdade a qual ele desenvolveu a partir de sua organização social e política. Neste sentido, a Grécia estava chamada a ser, desde então, uma só entidade política, que passara a ser governada por um único monarca. Atenas, que até então era o centro da investigação científica e filosófica, aos poucos vai cedendo espaço a Alexandria, tornando-se posteriormente, um grande centro de atividade cultural.

A partir destas novas condições impostas ao mundo grego, tornava-se impossível a participação do indivíduo no governo da *pólis*, que o cidadão helênico conhecera, sobretudo, na fase democrática. É neste contexto helenístico que Epicuro nasceu. Com essas novas condições de vida, o cidadão grego é impossibilitado de participar do governo na *pólis*. As questões políticas são substituídas por questões meramente éticas, visto que a ética grega, nesta época, parte à procura do bem individual, de uma sabedoria que represente a plenitude da realização subjetiva, a saber, o alcance da perfeita serenidade interior, principalmente nas circunstâncias adversas: “a filosofia aspira ao estabelecimento de normas universais para a conduta humana e se propõe a dirigir as consciências”¹. Nesse contexto, as éticas helenísticas apresentavam uma preocupação com o bem individual na busca de uma sabedoria que possibilitasse ao indivíduo alcançar a felicidade.

Nascido em 341 a.C., em Atenas ou em Samos, Epicuro teria acompanhado, dos catorze aos dezoito anos, os ensinamentos do acadêmico Pânfilo. E, através de Nausífanos de Teo, discípulo de Demócrito (c. 460 - 370 a.C.), teria conhecido as doutrinas desse grande atomista. Durante algum tempo ganhou a vida como professor de gramática. Em seguida, ensinou filosofia, primeiro em Lâmpsaco, depois em Mitilene e Colofonte. Finalmente, regressa a Atenas, por volta de 306 a.C., onde adquire uma pequena casa e abre uma escola de filosofia, que ficará conhecida como o Jardim de Epicuro.

¹ Epicuro: antologia de textos, p. 7. Os Pensadores.

O pensamento de Epicuro abrange duas áreas distintas do conhecimento, a saber, uma física, pela qual procura explicar quais são as leis que regem a natureza, isto é, obter uma compreensão dos aspectos que constituem a realidade; e a ética, voltada para a prática que possibilite ao homem alcançar a felicidade.

As questões tratadas por Epicuro discutem a possibilidade de demarcar um caminho para uma vida feliz. Sua doutrina traz no cerne de sua abordagem filosófica noções que procuram, através do uso da razão, a compreensão da natureza (*phýsis*)². Para que o indivíduo tenha uma compreensão da realidade, Epicuro sugere uma forma de viver que implica estar em conformidade com a natureza.

Epicuro apresenta uma *physiología* que possibilita ao indivíduo um aprendizado constante, configurando um modo de ser *phylosophós*, isto é, um indivíduo pensante que utiliza o pensamento para aceitar ou recusar aquilo que é necessário ou não para uma vida feliz. O homem aprende a escolher, de forma sábia, compreendendo a própria realidade (*phýsis*). Esta é considerada por Epicuro como o princípio, a fonte da vida física, psíquica e ética. Ele fundamenta essa concepção por conceber a *phýsis* como expressão das realidades inseridas, por ser ela infinita, e revelar as características dos átomos, dos corpos, dos mundos. O homem, ao buscar compreender fenômenos, terá como ponto de partida a própria *phýsis*. Partindo desta perspectiva, a presente dissertação tem como principal intenção analisar a função da *physiología* e seus aspectos gnosiológicos no *Corpus* epicúreo.

Na sua gnosiologia, ele apresenta as sensações como garantia para obter o conhecimento. É pelas sensações que o homem conhece. Ele concebe que os sentidos são significativos como forma de perceber a realidade e de como falar dessa realidade. Para Epicuro, as coisas, objeto de conhecimento, projetam a partir de si mesmas, e como parte de si mesmas, unindo-se a eflúvios que afetam e chegam ao investigador espécies de sensações, afecções e imagens.

Na Carta a Heródoto, Epicuro fundamenta que a sensação é a desencadeadora de todo o processo do conhecimento, isto é, as impressões dos sentidos são consideradas o único critério dotado de segurança devido o caráter auto-evidente que elas expressam. Entretanto, Epicuro evidencia que, de certa maneira, nem tudo que se manifeste pode ser considerado verdadeiro. É preciso que os fenômenos sejam observados e que se utilizem critérios para que ocorra uma observação mais minuciosa destes fenômenos. Sendo assim, as sensações são critérios de validade para o conhecimento verdadeiro, quando estas passam por uma

² O termo *phýsis* corresponde ao processo de geração das coisas existentes na realidade.

confirmação de dados pelos sentidos ou pela alma (*psyché*). Para ele, a possibilidade do conhecer está fundamentada no contato das partículas atômicas que estão presentes nos corpos e que compõem as realidades compostas, são conseqüências das mutações que ocorrem nos corpos. Neste sentido, para Epicuro, tanto os simulacros (*eídola*) como o pensamento são causados pela relação: átomos, movimento e vazio.

Algumas suposições são tomadas como ponto de partida para a discussão sobre a *physiología* em Epicuro: a) a *phýsis* é a fonte do conhecimento para o homem compreender a realidade na qual ele vive; b) o todo (*to pan*) é constituído essencialmente por dois componentes: os corpos e o vazio; c) a sensação é a única e última garantia ou critério de avaliação da verdade.

Para um melhor entendimento das principais questões implicadas nesta análise, faz-se necessário enumerar as referências teóricas nas quais as hipóteses se sustentam dentro do *Corpus* epicúreo. Reavendo a primeira suposição, de que forma a *phýsis* pode ser considerada a fonte do conhecimento no modelo de conhecimento epicúreo, são levadas em consideração as noções expostas na Carta a Heródoto³ como, por exemplo, no passo 37 onde Epicuro sugere o estudo da natureza por ser imprescindível para a tranquilidade da alma, visto ser o caminho útil para todos que buscam uma compreensão da realidade.

O exercício da *physiología* para Epicuro é essencial para o indivíduo, em conformidade com a *phýsis*, elaborar suas opiniões, uma vez que a autenticidade do conhecimento está em medir suas opiniões conforme a natureza. Neste sentido, investigar a *phýsis* implica conhecer os limites do agir humano. Ademais, Epicuro sugere o uso da filosofia para o homem alcançar a felicidade, esta é uma atividade prática para o indivíduo obter o conhecimento das coisas essenciais à vida.

Na Carta a Heródoto⁴, Epicuro afirma: “nada nasce do não-ser”. Este argumento discute a hipótese de que seria um absurdo admitir que qualquer coisa seja gerada de outra coisa qualquer. Em outra passagem da Carta ele afirma: “nada se dissolve no nada”. Isto implica a inferência de que o todo é realidade infinita, isto é, não é passível de transformação, portanto, imutável. Além disso, o todo (*tò pan*) é constituído por dois princípios: o átomo e o vazio.

³ Carta cujo conteúdo discorre sobre a física epicúrea, nela é exposta a concepção atomística de Epicuro e a explicação de como são formados os corpos, os mundos e o todo. A *Carta a Heródoto* é referência para o estudo da *physiología* presente no pensamento epicúreo.

⁴ DL, op. cit., X, 38, p. 291.

A última suposição busca compreender a sensação como critério válido que garante ao indivíduo o conhecimento da realidade, discussão situada no passo 91 da Carta a Pítocles⁵, cujo conteúdo trata da elaboração de juízos verdadeiros, sendo estes considerados válidos quando são confirmados pelas sensações, ou, pelo menos, não os contradiz. Assim, as sensações são indispensáveis e incontestáveis para que possamos julgar se nossas opiniões são verdadeiras ou falsas.

O objetivo deste trabalho é de explicitar e analisar os argumentos e indícios para por em evidência a compreensão da *physiología*. Apesar da dificuldade de se fundamentar em evidências textuais, escassas e pouco esclarecedoras, é possível mostrar a existência de uma gnosiologia epicúrea. Para tanto, faz-se necessária uma abordagem que se debruce sobre os argumentos que restaram de Epicuro e da tradição próxima a ele.

Tendo em vista a elucidação das hipóteses levantadas nessa dissertação, recorreu-se à análise interpretativa dos textos originais, bem como das edições comentadas destes textos, partindo do exame dos textos epicúreos que remetem à *physiología*. Para tanto, foram imprescindíveis as análises de textos como: Carta a Heródoto, Carta a Pítocles, Carta a Meneceu, Máximas Principais, Sentenças Vaticanas; e ainda das obras: *La lettre d'Épicure de Jean Bollack*, *Commentaire de La lettre d'Épicure à Hérodote de Jean Salen*, *Epicurus the Extant Remains de C. Bailey*, *Epicure: lettres et maximes de Marcel Conche*, *the Hellenistic Philosophers de A. Long & D.N. Sedley*, *Epicurus' scientific method de Elizabeth Asmis* e *La philosophie comme thérapie de l'âme de André-Jean Voelke*.

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados, primeiramente, foi necessário determinar o conceito de alguns termos que nortearam o entendimento da compreensão da questão da *physiología* na Filosofia de Epicuro, dentre eles: *athroísma*, *prolépsis*, *epibolé*, *hedoné*, *sarkós*, *páthos*, *epibolé tés diánoia*, *eidola*, *aísthesis*, *physiología*, *phýsis* e *logismós*⁶.

Para maior clareza da exposição dos argumentos que fundamentam este trabalho com intenção de analisar a *physiología* e os aspectos gnosiológicos, e, tendo em vista as hipóteses propostas, dividiu-se a dissertação em três capítulos:

1º) No primeiro capítulo, reuniu-se os principais aspectos do pensamento epicúreo no intuito de fornecer a compreensão da *physiología* epicúrea: *phýsis*, o todo, átomo, vazio, movimento, alma, corpo.

⁵ Esta Carta discute a possibilidade de desenvolver um método investigativo da natureza em que as principais regras sejam a observação da confirmação ou não-contradição dos dados obtidos pelos sentidos.

⁶ Tradução proposta nos dicionários: *Grego – Português e Português – Grego* Isidro Pereira, Apostolado da Imprensa, Porto, 1976. *Grec – Français* A. Bailly, Librairie Hachette, Paris, 1950; e *dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano, 1998.

2º) No segundo capítulo, foi problematizado sobre os critérios para a compreensão da *phýsis*, visto que a natureza constitui a única realidade e a única possibilidade de conhecimento. A gnosiologia epicúrea tem como propósito evidenciar que é nas sensações onde se origina o conhecimento.

3º) No terceiro capítulo, discutiu-se sobre o alcance e os limites do conhecimento, onde foi discutido o que pode este conhecimento e a sua aplicabilidade, visto que o exercício da prática filosófica proporciona ao investigador uma vida feliz. Encontra-se ainda neste capítulo uma discussão sobre a não necessidade de estabelecer uma verdade absoluta sobre a realidade.

Por fim, algumas considerações foram elaboradas no intuito de fazer uma breve síntese para avaliar a dissertação que tem por objetivo principal expor uma compreensão da *physiología* epicúrea.

Epicuro caracteriza o homem sábio aquele que fundamenta as suas ações conforme à natureza, ou seja, a partir de uma *physiología* e realizado a partir de uma sabedoria que lhe possibilite agir livremente, podendo escolher e rejeitar os desejos que podem ou não torná-lo feliz. Para Epicuro, somente o *sophós-phronéo* é capaz de evitar uma escolha que o conduza ao sofrimento e a vivenciar perturbações. Neste sentido, o sábio estará sempre exercitando para viver bem, isto é, para concretizar seu *télos*: a felicidade.

Portanto, a discussão acerca da *physiología* em Epicuro será de suma importância pela complexidade e, ao mesmo tempo, sua validade para o pensamento contemporâneo, uma vez que o pensamento de Epicuro apresenta propostas para um agir humano livre dos ditames das instituições dominantes, sejam elas políticas ou religiosas, proporcionando ao indivíduo exercer sua liberdade a partir de uma reflexão que tem como ponto de referência a própria realidade na qual ele vive. Para Epicuro, aprender com a natureza (*phýsis*) é saber agir a partir de si mesmo, isto é, ser autárquico.

2 A PHYSIOLOGÍA EPICÚREA

Para os incapazes de estudar acuradamente cada um dos meus escritos sobre a natureza, Heródotos, ou de percorrer detidamente os tratados mais longos, preparei uma epítome de todo o meu sistema a fim de que possa conservar bem gravado na memória o essencial dos princípios mais importantes e estejam em condições de sustentá-los em quaisquer circunstâncias, desde que se dediquem ao estudo da natureza. [...] Portanto, sendo tal caminho útil a todos que se familiarizaram com a investigação da natureza, eu, que dedico incessantemente minhas energias à investigação da natureza, e desse modo de viver tiro principalmente a minha calma, preparei para teu uso uma espécie de epítome e um sumário dos elementos fundamentais de minha doutrina em sua totalidade.⁷

A *physiología* é apresentada por Epicuro como o modo de investigação da natureza ou de todos os fenômenos naturais que se manifestam na realidade. Pode ser considerado, ainda, como um exercício (*áskesis*) de compreensão dos estados na natureza que é, para ele, a *phýsis*. Assim, a *physiología* implica sempre uma investigação da *phýsis* e da ética. Na primeira, o investigador busca compreender o que há, o que é, o que existe e como existe, isto é, sobre o mundo das coisas. No que se refere à ética, investiga-se sobre os limites do escolher, do distanciar a medida dos meios e dos fins, ou seja, conhecer os limites do agir humano.

O homem aprende a escolher de forma sábia, obtendo uma compreensão da realidade e de sua natureza. Quando este tenta compreender fenômenos, tem como ponto de partida a *phýsis*, que é princípio da vida física, psíquica e ética. Há uma exigência de interação do homem com a natureza (*phýsis*) que proporciona, no seu modo de agir, conforme os limites que determinam o que pode ser permitido ou evitado. Assim, ele deve investigar e descobrir os seus limites e viver de acordo com a natureza.

Para Epicuro, a *phýsis* é a fonte do conhecimento para o homem compreender a própria realidade. O investigador percebe que na realidade há uma ordenação natural no processo de geração das coisas. Tudo cresce pouco a pouco e se mantém na sua espécie.

Pensar a *phýsis* é buscar compreender acerca dos modos de sua realização. Epicuro afirma que esta investigação perpassa por vários sentidos da *phýsis*, considerando que ela

⁷ DL, op. cit., X, 35 e 37, p. 291.

pode ser dita de várias maneiras, a saber, a natureza do todo (*tò pan*), a natureza dos átomos (*átomoi*) a natureza dos corpos (*somatoi*) e a natureza dos mundos (*kosmoi*).

Epicuro apresenta uma noção de *phýsis* que implica uma compreensão da realidade. Entretanto, como ele define a *phýsis*? A Carta a Heródoto é um documento referencial para obtermos algumas noções sobre a natureza das coisas. Etimologicamente, a palavra *phýsis* refere-se ao processo de crescimento ou gênese de alguma coisa. Esta compreensão em Epicuro é utilizada para designar a geração dos corpos compostos e dos mundos; ela é compreendida também como princípio, a saber, átomos e vazio; e, *phýsis* é o todo, realidade infinita e ilimitada. Porém, o uso deste termo por Epicuro requer outras explicações. Ele utiliza o termo *phýsis* ao fazer referências à composição dos corpos e às almas⁸, por entender que todos os fenômenos naturais são formados por átomos e são constituintes da realidade. Assim, o termo *phýsis* alude também às realidades finitas e mutáveis, a saber, corpos, mundos e alma.

A *Physiología*, para Epicuro, deve ser pensada como um exercício (*áskesis*) constante de uma compreensão da realidade; neste sentido, faz-se necessário adentrarmos por pontos importantes, partindo dos diversos sentidos em que a *phýsis* é explicitada. Na Carta a Heródoto encontra-se um resumo das principais ideias sobre a *physiología*. Portanto, iremos analisar os pontos relevantes no que se refere à *phýsis*, seus fundamentos e seus diversos modos de realização.

2.1 O TODO (*TÒ PAN*)

Para explicitar a questão do princípio da realidade, Epicuro utiliza o axioma atomista, segundo o qual o todo é composto de átomos e vazio. Estes são elementos constitutivos do todo por serem realidades infinitas: o átomo, em número e o vazio, em grandeza. Os átomos são elementos constitutivos das coisas e originários das realidades compostas.

O primeiro fundamento enunciado por Epicuro na Carta a Heródoto⁹ é: “nada nasce do não-ser”, porque, do contrário, qualquer coisa poderia absolutamente gerar-se de qualquer coisa sem necessidade de qualquer realidade geradora. Assim, faz-se necessário postular o caráter composto dos corpos presentes na natureza. Conforme Epicuro, a existência dos

⁸ SILVA, 2003, p. 25.

⁹ DL, op. cit., X, 38, p. 291.

átomos é atestada pela sensação e, a do vazio é decorrente da existência dos corpos, uma vez que estes precisam de um lugar onde permanecer e onde se mover. Segundo Lucrecio, se se admitisse esse absurdo, qualquer ser poderia se gerar de outro ser, “como homens surgirem do mar, aves precipitarem do céu, as árvores não produziriam sempre os seus frutos”. Assim, é no todo (*tò pan*) que todas as coisas têm elementos geradores e se formam por realidades geradoras determinadas.

No parágrafo 39 da Carta a Heródoto, Epicuro afirma: “nada se dissolve no nada”. Observa ele que, se isso ocorresse, todas as coisas seriam destruídas, anulando-se as partes nas quais se decompunham. Assim, partindo do princípio de que nada nasce e nada perece, o todo, ou seja, a realidade infinita, sempre foi como é agora, e sempre será assim; não é passível de transformação, isto é, de mutabilidade, e que não há nada fora dele, justificando assim a ausência do exterior e impossibilitando a presença de qualquer coisa que possa vir e atingi-lo, produzindo modificação, como sugere a passagem seguinte:

Se aquilo que desaparece percesse e se resolvesse no não-ser, todas as coisas estariam mortas, pois não existiria aquilo em que deveriam resolver-se. Entretanto, o todo sempre foi exatamente como é agora, e sempre será assim. Então, nada existe em que ele poderia transformar-se, porque além do todo, nada há que possa penetrar nele e provocar a transformação.¹⁰

Para Epicuro, a realidade enquanto totalidade, isto é, o todo (*to pan*), é constituída essencialmente por dois componentes: os corpos e o vazio. A existência dos corpos é provada pelos próprios sentidos; no que se refere à existência real do espaço, é intuída a partir dos corpos. Epicuro sugere que o espaço é realidade intangível e de existência real, necessária para os corpos se moverem e se fixarem em um determinado lugar. Ele afirma que sem as realidades, a saber, corpos e vazio, o indivíduo não tem como fazer elaborações mentais sobre a natureza, ou seja, não há como ele elaborar uma investigação científica da *phýsis* da qual ele pertence, uma vez que corpos e vazio são princípios da realidade conforme sugere o passo 40 da Carta a Heródoto:

¹⁰ DL, op. cit, X, 39, p. 292.

Se aquilo que chamamos vazio ou espaço, ou aquilo que por natureza é intangível, não tivesse uma existência real, nada haveria em que os corpos pudessem estar, e nada através de que eles pudessem mover-se, como parece que se movem. Além dos corpos e do vazio nada pode ser apreendido pela mente nem concebido por si mesmo ou por analogia, já que os corpos e o vazio são considerados essências inteiras e seus nomes significam, por isso, essências realmente existentes e não propriedades ou acidentes de coisas separadas.¹¹

Segundo Epicuro, os corpos são compostos de elementos indivisíveis e imutáveis, denominados átomos. A mudança só ocorre nas realidades compostas; se os átomos fossem finitos, dispersar-se-iam no vazio. Se finito fosse o vazio, este não teria como comportar os infinitos corpos. Assim, o todo é infinito e ilimitado como totalidade da realidade, totalidade esta infinita de corpos e vazio conforme o passo seguinte:

[...] Mais ainda: o todo é infinito, pois aquilo que é finito tem uma extremidade, e a extremidade se vê somente em confronto com outra coisa. Ora: o todo não se vê em confronto com outra coisa, e, portanto não tendo extremidade não tem limite, e por não ter limite deve ser infinito e ilimitado.¹²

Observa Epicuro, o número de átomos é infinito como também infinito é o vazio, conseqüentemente, o todo é infinito. Se admitíssemos a divisibilidade dos corpos, estes cairiam no infinito e outros estariam sujeitos à dissolução no não-ser, que seria um absurdo para Epicuro. Sendo assim, ele afirma que a realidade como totalidade é infinita por seus princípios constitutivos serem infinitos conforme o parágrafo 42 da Carta a Heródoto:

Mas, o todo é infinito também pelo número enorme de corpos e pela grandeza do vazio, porquanto se o vazio fosse infinito e os corpos fossem finitos, os corpos não permaneceriam em lugar algum e se moveriam continuamente, dispersos pelo vazio infinito, nem teriam um suporte, nem um impacto para a volta ascendente; se por outro lado o vazio fosse finito, os corpos, que são infinitos, não teriam onde estar.¹³

¹¹ DL, op. cit, X, 40, p. 292.

¹² Ibidem, X, 41, p. 292.

¹³ Ibidem, X, 42, p. 292

O estudo da *phýsis*, observa Epicuro, liberta o homem do medo da morte e dos temores dos deuses, proporcionando-lhe o conhecimento de seus princípios e leis. O investigador não recorre à transcendência para obter uma explicação do fenômeno porque nada existe fora da *phýsis*.

A *physiología* epicúrea evidencia ao *physiologós* uma realidade que sofre mudanças, corrupções formando outras realidades conforme as suas naturezas sejam elas infinitas ou finitas. Para evidenciar a compreensão do todo (*tò pan*), veremos as noções de átomo e vazio no pensamento de Epicuro. Este afirma que alguns corpos são compostos e outros, dos quais estes compostos são originários, são denominados de átomos. Estes são realidades indivisíveis e constituintes de todas as coisas, por isso, o átomo é gerador das realidades compostas. Neste sentido, implica a importância de discorrer porque para Epicuro os átomos são *phýseis*.

2.2 OS ÁTOMOS: PROPRIEDADES, CARACTERÍSTICAS E MOVIMENTOS ATÔMICOS

Epicuro se utiliza da concepção atomista de Demócrito segundo a qual os átomos se movem no espaço vazio e, com seus movimentos, possibilitavam a origem das realidades que são percebidas pelos sentidos. Ele afirmava, também, que os mundos são realidades, são produtos do movimento e do infinito número de átomos, com formas, tamanhos e posições diferentes, chocando uns contra os outros e em múltiplas direções.

Observa Garcia Gual¹⁴, Epicuro se declarava “democríteo” e honrava-o por haver alcançado o reto conhecimento; e qualificava de “democríteo” o conjunto de sua exposição geral, por ele ter-lhe dado antes os fundamentos da natureza.

Segundo Epicuro, os átomos são corpos indivisíveis e imutáveis. São sólidos, logo, de natureza corpórea, compostos de infinita variedade de formas; isto implica admitir que não são gerados e deles provêm todas as formas presentes na realidade (*phýsis*). Fazem parte do princípio de que “nada nasce e nada perece”. Os átomos são considerados também corpos simples, isto é, são originais e essenciais para a geração e a subsistência dos corpos compostos:

¹⁴ Carlos Garcia Gual, Epicuro, 1985, p. 109.

Esses elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis, se é verdade que nem todas as coisas poderão perecer e resolver-se no não-ser. Com efeito, os átomos são dotados da força necessária para permanecerem intactos e para resistirem enquanto compostos se dissolvem, pois são impenetráveis por sua própria natureza e não estão sujeitos a uma eventual dissolução. Conseqüentemente, os princípios das coisas são indivisíveis e de natureza corpórea.¹⁵

Os átomos apresentam características como grandeza, forma e peso. Este último não concebido pelos antigos atomistas como qualidade originária, pois, para estes, ele já estava implícito na forma (*rismós*)¹⁶. Segundo Epicuro, o tamanho dos átomos varia, porém, não infinitamente, pois nenhum átomo pode ser percebido pelos sentidos. Apresentam formas diferentes, facilitando a combinação e o entrelaçar dos átomos formando os corpos. Os átomos têm peso que os impulsionam a cair, a mover-se de baixo para cima e de cima para baixo.

Para Epicuro, os átomos geram todas as realidades compostas que presenciamos na *phýsis*, apresentando uma quantidade diversificada de figuras e números. Observa Duvernoy¹⁷ que “nenhuma das qualidades dos átomos, a saber, grandeza, forma e peso são objeto de um tratamento geométrico e nem matemático-quantitativo”, assim, nenhuma dessas qualidades pode ser analisada por unidades quantitativas. Para Epicuro, elas são apenas qualidades, sofrendo variações somente nos compostos. Estes apresentam aos nossos sentidos outras qualidades, a saber, cores, sons, sabor, que são divisíveis e variáveis; porém, nos átomos são inalteráveis como sugere o passo seguinte:

Devemos sustentar ainda que os átomos não têm qualquer qualidade das coisas do mundo dos fenômenos, à exceção da forma, do peso e do tamanho e das propriedades necessariamente associadas à forma. Realmente, todas as qualidades mudam, porém os átomos não mudam; é necessário que nas dissoluções dos compostos permaneça algo sólido e indissolúvel, que deve tornar possíveis as transformações não no não-ser, mas freqüentemente por transposição, e às vezes até por acréscimo ou subtração de átomos.¹⁸

¹⁵ DL, op. cit., X, 41, p. 292

¹⁶ Indicava para os antigos atomistas, forma geométrica: dimensão, massa, medida – é concebida também como forma dinâmica (forma que tende a unir-se às outras formas).

¹⁷ Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.42.

¹⁸ DL, op. cit., X, 54, p. 295.

Entretanto, para Epicuro a grandeza, qualidade presente nos átomos, torna-os limitados, e, sem este limite, os átomos poderiam obter qualquer grandeza tornando-os visíveis, o que para ele seria um absurdo, uma vez que nenhum átomo foi percebido pelos sentidos. O mesmo ocorreria com a sua pequenez. Caso não obtivessem um limite, dissolver-se-iam no nada. Neste sentido, os átomos são constituídos de grandeza, porém, não geométrica, e são perceptíveis somente nos compostos, conseqüentemente, essa grandeza é limitada. Observa Duvernoy¹⁹ que “a função da qualidade é ser portadora de um estado estável, não suscetível de variações contínuas”. Segundo Lucrécio, na natureza tudo se manifesta em determinados limites e seria forçoso admitir que a matéria diferisse somente quanto à forma: “desde o fogo às gélidas geadas há um caminho limitado, e a mesma medida se tem de contar em sentido inverso”.

Na Carta a Heródoto, precisamente no parágrafo 58s, Epicuro estabelece uma correspondência analógica entre os átomos e os corpos, e, como nos corpos perceptíveis há um mínimo, assim deve-se pensar, por analogia, também para os átomos. O átomo, embora sendo indivisível, tem partes, a saber, partes minimantes. Ainda que esta divisão não seja de ordem física e ontológica, uma vez que os átomos são dotados de figura, grandeza; contudo, essa divisão é de ordem lógica e mental, possibilitando um limite mínimo. Observa Epicuro que seria absurdo admitir átomos que pudessem diminuir em grandeza ao infinito, dissolvendo no não ser. Neste sentido, ele infere a doutrina dos mínimos constituindo uma unidade de medida ontológica conforme o passo seguinte:

[...] Mais ainda: adaptando um procedimento lógico restrito ao campo do invisível, devemos conceber as partes do átomo como sendo mínimas e imunes à mistura por serem extremidades das extensões, fornecendo por si mesmas a unidade de medida para as extensões maiores e menores mediante a aplicação da visão mental, já que a observação direta é impossível. De fato, os pontos em comum existentes entre as partes mínimas e as partes indivisíveis e imutáveis são suficientes para justificar a conclusão a que até agora chegamos. Não é possível, entretanto, uma agregação das partes mínimas do átomo, como se elas fossem capazes de mover-se.²⁰

No parágrafo 42 da Carta a Heródoto, Epicuro afirma que os átomos apresentam formas diferentes, facilitando a combinação e o entrelaçar dos átomos formando os corpos,

¹⁹ Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.43.

²⁰ DL, op. cit., X, 59, p. 296.

porém, essa diversidade de formas é infinita. Assim, as formas diferentes dos átomos são necessárias para explicar as diferentes qualidades fenomênicas das coisas que nos aparecem. Observa ele que cada uma delas, tomada isoladamente, não varia segundo o infinito conforme o passo seguinte:

[...] Além disso, os átomos, dos quais se formam os compostos e nos quais os compostos se dissolvem, são não somente impenetráveis mas têm uma variedade infinita de figuras; com efeito, não seria possível que a variedade ilimitada dos fenômenos derivasse do número limitado das mesmas figuras. Os átomos semelhantes de cada figura são absolutamente infinitos, porém pela variedade de figuras não são absolutamente infinitos, apesar de serem ilimitados diante da capacidade de nossa mente.²¹

No *Corpus* epicúreo é conferido ao peso a causa da queda dos átomos no vazio proporcionando o movimento constante dos átomos. Este movimento explica os processos de formação e de degeneração das coisas. Estruturas organizadas como o mundo são formadas a partir do aleatório e incessante ir e vir dos átomos no espaço. Ademais, possibilita ao homem ter consciência de que as realidades sensíveis fazem parte de um vir-a-ser e de uma corrupção natural. Os átomos movem-se incessantemente, afastando-se, chocando-se e entrelaçando-se ao dar origem aos corpos de natureza composta. O movimento natural dos corpos é a queda, que se dá devido ao peso encontrado em todo corpo. Entretanto, admitir simplesmente que os átomos caem em linha reta segundo a mesma velocidade é o mesmo que admitir que os choques jamais poderiam ter acontecido, o que estaria em desacordo com a própria constatação de que há alguma coisa.

Surge, todavia, algumas dificuldades neste modo da compreensão epicúrea: como os átomos se chocam nesse mover-se perpendicular para a constituição dos corpos compostos? Como explicar a queda dos átomos quando, anteriormente, ficou estabelecida a infinidade do espaço?

Na tentativa de clarificar a primeira indagação, Epicuro apresenta a teoria da declinação (*parénklisis*) na qual fundamenta que os átomos, ao declinar um pouco, isto é, com um deslocamento mínimo, torna-se possível um encontro com outros átomos, possibilitando a origem das coisas. Deste modo, a noção de desvio introduzida por Epicuro tem como finalidade justificar a existência de tudo quanto o indivíduo pode perceber na natureza. Ademais, faz-se necessário admitir alguma alteração no movimento de queda dos átomos para

²¹ DL, op. cit., X, 42, p. 292.

a constituição dos compostos. Assim, na ausência dos choques entre os átomos, sejam eles constitutivos ou disjuntivos, não há fenomenalidade. O contato entre os átomos explica o vir a ser e o perecer, as sensações, o pensamento, as realizações de *phýsis*.

Epicuro evidencia que essa relação constante entre os átomos causados pelos choques (*páthe*) e pelo peso (*barós*) explicita as diversas configurações nos seres como também proporciona perdas devido as afetações de outros seres. É uma dinâmica em que os átomos se agregam e outros se repelem. Ao se agregarem, ganham diferentes formas, tamanhos e pesos; ao se repelirem, perdem estas propriedades quantitativas. Contudo, Epicuro afirma que as modificações ocorridas são necessariamente materiais.

No que se refere à segunda problemática, Epicuro havia atentado para esta dificuldade sugerindo não haver necessidade de considerarmos o alto e o baixo em sentido absoluto, porém, podem ser determinados em relação a partir do observador ou de um ponto de referência qualquer, conforme ele explicita no passo seguinte:

E não devemos afirmar que o alto ou o baixo do infinito possa ser considerado em sentido absoluto o ponto mais baixo. Sabemos com certeza que se do ponto onde estamos prolongarmos ao infinito o espaço que está acima de nossas cabeças, jamais aparecerá o ponto extremo dessa linha imaginária, e se por outro lado prolongarmos ao infinito o espaço que está por baixo do suposto ponto de partida, esse parecerá simultaneamente alto e baixo em relação ao mesmo ponto de partida. Mas isso é absurdo.²²

Observa Marcel Conche²³, mesmo considerando absurda a distinção de um alto e baixo absolutos no espaço infinito, ela permanece como um dado sensorial irrevogável; e o que Epicuro quer inferir é a noção da inteligibilidade do sensível, como também a de um observador local que se posiciona em relação ao mundo.

Estruturas organizadas como o mundo são formadas a partir do aleatório e incessante ir e vir dos átomos no espaço, e não em obediência ao plano de uma inteligência criadora. A partir dos infindáveis choques, os mundos são constituídos e com eles todo tipo de entes possíveis. Assim, para Epicuro, o movimento é fundamento para a compreensão da *phýsis*.

²² DL, op. cit., X, 60, p. 297.

²³ M.Conche. *Épicure, Lettres et Maximes*, p. 155.

2.3 O MOVIMENTO

A noção de movimento apresentada por Epicuro é diferente da dos atomistas²⁴ anteriores ele. Estes consideravam que os átomos se moviam em todas as direções. Entretanto, Epicuro afirma que os átomos se movem de cima para baixo no vazio e que na trajetória dos átomos há um pequeno desvio (*parênklisis*) possibilitando uma diversidade de constituições atômicas, em número indeterminado.

Os processos de formação e degeneração são explicados, conforme já explicitado, a partir dos movimentos de composição e disjunção dos átomos. Contudo, para ele o vazio é o elemento determinante na elaboração do seu conceito acerca do movimento, uma vez que este propicia a compreensão da realidade de todas as coisas. Além disso, uma das propriedades essenciais do vazio é não opor resistência. Na hipótese de que sempre há espaço a ser ocupado pelas partículas elementares, pode-se afirmar que estas devem estar sempre em movimento, mesmo que estejam agregadas em composto, conforme o parágrafo 43 da Carta a Heródoto:

Os átomos estão em movimento contínuo por toda a eternidade. Alguns deles são projetados a grande distância uns dos outros, enquanto outros, ao contrário, recebem o impacto onde estão, quando se encontram com um aglomerado de átomos ou permanecem aglomerados e, portanto, compactos, ou então contidos e protegidos pelos átomos aglomerados entre si, e portanto, fluídos.²⁵

No passo 61 da Carta a Heródoto, Epicuro sugere que a velocidade dos átomos no vazio é inalterável, desde que não ocorra resistência. Assim, os átomos podem assumir trajetórias diversas, sejam elas ascendentes, horizontais ou oblíquas. Entretanto, nos compostos a velocidade é variável, ou seja, não se movem com a mesma velocidade. Observa Epicuro, se admitisse que a continuidade do movimento de um corpo composto é a mesma nos corpos elementares, teríamos de admitir uma redução na velocidade dos átomos, o que para ele seria um absurdo.

Nessa relação entre os átomos que são constituintes de corpos provenientes dos choques, e os átomos que geram as realidades pelo peso, Epicuro apresenta duas noções que

²⁴ Para Demócrito, o movimento dos átomos era automático e mecânico.

²⁵ DL, op. cit., X, 43, p. 293.

evidenciam, por analogia, a concepção de *phýsis*: a necessidade (*anánke*) e o acaso (*týche*). A primeira é identificada por Epicuro nos deslocamentos dos átomos, provocando alterações nos seres; contudo, esta necessidade (*anánke*), em Epicuro, não é determinista, mas como observa Silva “como necessidade de realização uma natureza particular, segundo o seu modo próprio de ser”²⁶. Assim, o acaso justifica a diversidade de seres no todo (*tò pan*) e deste a sua realidade infinita.

Esta concepção do movimento liberta a *phýsis* de uma compreensão determinista e mecanicista da realidade em que o homem não teria a liberdade de modificar seu modo de ver e pensar a própria realidade.

A noção do acaso, em Epicuro, evidencia as interferências nos acontecimentos naturais. Como afirma Lucrecio: “É preciso, com efeito, que fique alguma coisa de estável para que não seja tudo reduzido inteiramente no nada”²⁷. Neste sentido, Epicuro justifica que as modificações atestadas nos seres, as corrupções, são decorrentes da ausência de um determinado fim no modo de ser de cada corpo, mundo, realidade.

2.4 O VAZIO

Os eleatas, dentre eles, Parmênides negaram o vazio e afirmavam ser impossível a multiplicidade e o movimento presentes no ser. Para Demócrito, o que não é (*tò mè òn*), como concebe Parmênides, é exatamente concebido por o que é (*tò òn*). Esta hipótese do vazio, admitida por Demócrito, abre uma possibilidade da compreensão de realidades infinitas e reais; corpos minúsculos, imperceptíveis, porém, *átomon*. São átomos que se movem no espaço vazio e com seus movimentos possibilitam a origem das realidades que são percebidas pelos sentidos.

Esta mesma compreensão é utilizada por Epicuro para explicitar a realidade do vazio, realidade esta intangível e dotada de existência real. No parágrafo 40 da *Carta a Heródoto*, ele afirma que, se não existisse o vazio, os corpos não teriam como estar em lugar nenhum nem tampouco se locomoverem. Assim, Epicuro rejeita a possibilidade do vazio se identificar com o nada. Neste sentido, fora da realidade do vazio, não há como elaborar uma

²⁶ SILVA, 2003, p. 36

²⁷ Lucrecio, *De Rerum Natura*. I, v.751-752, 1980, p. 33.

compreensão de *phýsis*, uma vez que esta é também composta por átomos. Ademais, a não existência do vazio impossibilitaria dos corpos se locomoverem conforme o passo seguinte:

Se aquilo que chamamos vazio ou espaço, ou aquilo que por natureza é intangível, não tivesse uma existência real, nada haveria em que os corpos pudessem estar, e nada através de que eles pudessem mover-se como parece que se movem. Além dos corpos e do vazio nada pode ser apreendido pela mente nem concebido por si mesmo ou por analogia, já que os corpos e o vazio são considerados essências inteiras e seus nomes significam, por isso, essências realmente existentes e não propriedades ou acidentes de coisas separadas.²⁸

No *Corpus* epicúreo o vazio é definido como condição necessária ao movimento dos corpos. Assim, o vazio é o espaço que acolhe os corpos, possibilitando-lhes o movimento, a agregação e a dissolução, determinando a geração, a corrupção das coisas da natureza. Ademais, Epicuro sugere que o vazio é a realidade que possibilita distinguir o átomo de um corpo composto, uma vez que este é passível de mudanças e corrupção, e o átomo é pleno.

Segundo Epicuro, o vazio apresenta características diversificadas dos átomos. Enquanto o vazio é de natureza intangível, os corpos apresentam características tangíveis, a saber, os átomos têm limites, são múltiplos e diversos. Além disso, os átomos são passíveis de afecções, enquanto ao vazio é atribuído o caráter de incorporeidade como sugere o parágrafo 67 da Carta a Heródoto:

Devemos considerar ainda que aquilo que chamamos de incorpóreo na acepção comum da palavra se refere ao que é pensado como existente por si mesmo. Ora: não é possível conceber o incorpóreo como existente por si mesmo, à exceção do vazio. E o vazio não é ativo nem passivo, mas simplesmente permite aos corpos o movimento através de si mesmo.²⁹

Segundo Duvernoy³⁰, o vazio (*kénon*) para Epicuro é condição do movimento, é o não-corpo que possibilita ao corpo mudar de lugar, isto é, permite a mobilidade dos corpos. Na Carta a Heródoto, no parágrafo 42, Epicuro amplia essa exposição sobre o vazio (*kénon*)

²⁸ DL, op. cit., X, 40, p. 292.

²⁹ Ibidem., X, 67, p. 298.

³⁰ Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.34

afirmando que se o vazio fosse infinito e os corpos finitos não haveria a possibilidade do surgimento de novos mundos, isto porque ocorreria um distanciamento significativo impossibilitando ocorrer encontros entre o vazio (*kénon*) e os corpos infinitos; e acrescenta: “se o vazio fosse finito, os corpos infinitos em número não teriam onde se alojar”. Esta hipótese seria impossível de ocorrer e de ser atestada na *phýsis* atomista, já que teria como consequência uma redução do vazio, algo impensável para Epicuro:

[...] porquanto se o vazio fosse infinito e os corpos fossem finitos, os corpos não permaneceriam em lugar algum e se moveriam continuamente, dispersos pelo vazio infinito, nem teriam um suporte, nem um impacto para a volta ascendente; se por outro lado o vazio fosse finito, os corpos, que são infinitos, não teriam onde estar.³¹

Segundo Duvernoy, as concepções desenvolvidas pelos pensadores acerca do espaço na Grécia antiga, a saber, de Demócrito a Epicuro, não tomam a noção do espaço como uma realidade infinita; ou seja, para a maioria desses pensadores, o espaço é finito e está contido no universo. Neste sentido, o espaço finito é centrado e orientado, “ele é o princípio de organização das coisas existentes, não é nem isótropo nem homogêneo”³².

A concepção do espaço infinito (*chóran*) apresentada pelos atomistas está fundamentada na noção de espaço geométrico. Este apresenta as seguintes características: “é homogêneo (por apresentar as mesmas propriedades em cada uma de suas partes); isótropo (por apresentar as propriedades em cada uma de suas direções); infinito (não opõe nenhum limite, em nenhuma de suas direções à possibilidade de gerar termos homogêneos) e contínuo (idealmente divisível)”³³. Entretanto, o espaço geométrico implica uma determinação; conforme Duvernoy: “na geometria, o espaço é o meio pelo qual as coisas podem se determinar reciprocamente à distância, e pela distância”³⁴. Para os atomistas, o espaço infinito (*chóran*) é o lugar indefinido, da multiplicidade indefinida. Para Epicuro o encontro entre os átomos não é determinado por nenhuma causalidade ou determinação:

³¹ DL, op. cit., X,42, p. 292.

³² Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.38.

³³ Idem, 1993, p.39.

³⁴ Idem, 1993, p.40.

Os átomos estão em movimento contínuo por toda a eternidade. Alguns deles são projetados a grande distância uns dos outros, enquanto outros, ao contrário, recebem o impacto onde estão, quando se encontram com um aglomerado de átomos ou permanecem aglomerados e, portanto, compactos, ou então contidos e protegidos pelos átomos aglomerados entre si, e, portanto, fluídos.³⁵

Esta noção de espaço infinito (*chóran*) é também sustentada por Lucrecio na obra *De rerum natura*. Ele afirma:

É tal a natureza do espaço e a extensão da imensidade, que os fulgentes raios a não poderiam percorrer mesmo que prolongassem o seu vôo por toda a eternidade, e nem pelo caminho feito poderiam ter reduzido a distância que faltasse; efetivamente, por todo lado se abre às coisas, e em toda direção, um espaço sem limites.³⁶

Portanto, para Epicuro, é no espaço infinito (*chóran*) que um número infinito de átomos dispersos dá origem aos compostos e a infinitos mundos infinitos semelhantes ou dessemelhantes, a saber, um espaço onde não implica um lugar determinado, estruturado para o encontro dos átomos, entretanto, é o lugar da dispersão.

2.5 O TODO E OS INFINITOS MUNDOS

Epicuro sugere que existem infinitos mundos, uma vez que infinitos são os princípios atômicos. Os átomos não formam somente o mundo que o homem vive; sendo que, uns são iguais ao mundo em que vivemos e outros distintos. Epicuro é pertinente em evidenciar que não há contradição em pensarmos e admitirmos um número infinito de mundos. Ora, admitindo que os átomos existam espalhados em número infinito por toda a extensão do espaço, conseqüentemente os átomos podem gerar um número infinito de mundos. E afirma que determinados átomos são capazes de formar uma multiplicidade de mundos semelhantes e dessemelhantes do nosso como sugere o passo seguinte:

³⁵ DL, op. cit., X, 43, p. 293.

³⁶ Lucrecio, *De Rerum Natura* I, v.1005, p.43.

Além disso, existe um número infinito de mundos, tanto semelhantes ao nosso como diferentes dele, pois os átomos, cujo número é infinito como acabamos de demonstrar, são levados em seu curso a uma distância cada vez maior. E os átomos dos quais poderia formar-se um mundo, ou dos quais poderia criar-se um mundo, não foram todos consumidos na formação de um mundo só, nem de um número limitado de mundos, nem de quantos mundos sejam semelhantes a este ou diferentes deste. Nada impede que se admita um número infinito de mundos.³⁷

Os mundos são gerados e corrompidos de temporalidade diferente; uns sendo gerados e corrompidos com maior ou menor rapidez; são infinitos no tempo e no espaço, porque o todo é infinito e nada se realiza fora dele. Segundo Epicuro, os novos mundos têm origem no intermundo, isto é, no espaço que separa um mundo do outro, no interior de cada mundo quando este está em processo de degeneração ou ocorre em virtude dos choques e entrelaçamentos dos átomos. Esta noção epicúrea de mundo é apresentada na Carta a Pítocles:

Um mundo é uma parte circunscrita do universo, que compreendendo astros e terra e todas as coisas visíveis, destacado do infinito; tem um perímetro redondo ou triangular ou de qualquer outra forma, e termina num limite poroso ou denso em rotação ou imóvel, cuja dissolução levará à ruína tudo que está nele. Tudo isso é realmente possível e não contraditado por qualquer fenômeno ocorrente neste mundo, no qual não é possível discernir uma extremidade.³⁸

Epicuro sugere que o mundo no qual o indivíduo vive serve de referência para este elaborar uma investigação sobre a *phýsis*, uma vez que os compostos atestam como as coisas da natureza se realizam. Para ele, a multiplicidade dos fenômenos físicos ocorre em decorrência de uma *necessidade* (*ananké*) provocada pelo movimento nos fenômenos particulares e que se realizam sem nenhuma determinação. Ademais, Epicuro afirma que o *physiologós* não pode realizar uma investigação fundamentada apenas em fenômenos particulares. Por essa via de investigação, jamais o *physiologós* teria uma verdadeira compreensão da *phýsis*.

Na Carta a Heródoto, Epicuro afirma que o *physiólogos* deve interpretar os fenômenos particulares, como eles ocorrem na terra e jamais proceder a partir de critérios

³⁷ DL, op. cit., X, 45, p. 293.

³⁸ Ibidem., X, 88, p. 303.

utilizados na investigação dos fenômenos celestiais. Segundo Epicuro, este procedimento infere uma explicação contraditória obtendo uma visão equivocada da própria realidade conforme o parágrafo seguinte:

Não procuramos forçar o impossível, nem adotar em tudo o mesmo método de pesquisa aplicado em minha exposição sobre os modos de vida ou naquela com vistas à solução dos outros problemas físicos, como, por exemplo que o todo consiste em corpos e natureza intangível, ou que os elementos são indivisíveis, e proporções semelhantes, passíveis apenas de uma solução em harmonia com os fenômenos. Esse procedimento não é aplicável aos fenômenos celestes, que admitem não somente causas múltiplas de sua formação, mas também uma determinação múltipla de sua essência em harmonia com as sensações.³⁹

Segundo Epicuro, a via de investigação para os fenômenos particulares é a do método que tem como garantia e fundamento as sensações e os sentidos. Dentre esses fenômenos particulares e constatados nas relações sensíveis, ele fala do tempo. Este não tem existência própria.

2.6 O TEMPO

O movimento (*kinésis*) é o elemento determinante que nos possibilita identificar o tempo na natureza (*phýsis*). Para Epicuro, o tempo está na dimensão fenomênica, a temporalidade constitui a marca fundamental dos fenômenos e do mundo existente. O indivíduo constata pela experiência que há um tempo relacionado à noite e ao dia; há um tempo que percebemos na durabilidade das coisas; que os seres, as coisas são efêmeras. No passo 72 da Carta a Heródoto Epicuro afirma que a investigação acerca do tempo não necessita de demonstração por ser algo que intuimos e percebemos nas coisas que se modificam como sugere o passo seguinte:

³⁹ DL, op. cit., X, 86, p. 303.

A investigação acerca do tempo não deve ser conduzida de forma idêntica à relativa a todos os acidentes que pesquisamos em um assunto, ou seja, referindo-se às preconcepções que contemplamos em nós mesmos; devemos considerar o tempo em analogia com a evidência imediata, como resulta de nossas expressões “muito tempo” e “pouco tempo”, aplicando-lhe em conexão íntima esse atributo de duração. Não é necessário recorrer a outras designações presumivelmente melhores; basta-nos adotar as expressões usuais a seu respeito.⁴⁰

Neste sentido, o tempo é compreendido na *phýsis* epicúrea como um “acidente dos acidentes” (*symptóma syntómatos*)⁴¹. Ademais, no que se refere ao tempo infinito, só podemos fazer referência ao tempo que implica o todo, os átomos, as realidades intangíveis. Para Epicuro, o tempo que constatamos nos fenômenos particulares é quantificável, como já foi dito, é observável e constatado pelos sentidos e se explica pelas modificações dos átomos nos corpos de acordo com sua posição, peso, tamanho e forma. A partir desta definição, o tempo pode ter compreensão de durabilidade de um determinado corpo como também a sua disposição em um determinado estado desse corpo. Somente as realidades particulares como corpos e mundos podem garantir a noção de tempo conforme sugere o passo seguinte:

E isso não necessita de demonstração ulterior; basta refletirmos que correlacionamos o tempo com os dias e as noites e as partes destes e destas, e também com os sentimentos de prazer e sofrimento e os estados de movimento e imobilidade, e quando usamos a expressão “tempo” pensamos-lo como um acidente peculiar a esses detalhes.⁴²

Todavia, Epicuro afirma que nem todos os tipos de corpos podem ser percebidos pelos sentidos, são intangíveis, por serem bastante sutis. Dentre estes corpos está a alma (*psychè*)⁴³ como realidade constituída por uma mistura de átomos sutis e móveis, denominados por Epicuro de ventosos e ígneos. Veremos suas implicações nas relações sensíveis com outras realidades físicas, principalmente com o corpo.

⁴⁰ DL, op. cit., X, 72, p. 300.

⁴¹ SILVA, 2003, p. 37.

⁴² DL, op. cit., X, 73, p. 300.

⁴³ *Psychè*: pode ser compreendido como alma, princípio da vida, sopro de vida.

2.7 ALMA E CORPO

Epicuro apresenta uma compreensão da alma baseada na concepção atomista de mundo, segundo a qual sustenta que tudo o que existe é constituído de átomos e vazio. Ele afirma ser a alma um agregado (*áthroisma*) de átomos sutis diferentes dos que compõem as realidades compostas. Segundo Garcia Gual⁴⁴, Epicuro afirma que a alma é um corpo formado por uma agregação (*áthroisma*) sistemática de átomos, unido ao corpo (*sarkós*)⁴⁵ num organismo vivo, que é o indivíduo humano. Ademais, a alma (*psychè*), para Epicuro, é constituída de três elementos⁴⁶: o ar, o sopro vital e o elemento indefinido. O sopro vital determina o movimento; o ar, o repouso; o elemento indefinido, a percepção em nós mesmos, conforme o passo 63 da Carta a Heródoto:

Depois disso, tendo em vista nossas sensações e sentimentos (pois assim teremos os fundamentos mais seguros para a credibilidade), é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo, extremamente parecida com um sopro consistente numa mistura de calor, semelhante em muitos aspectos ao sopro e em outros ao calor. Há também uma terceira parte, que pela sutileza de suas partículas difere consideravelmente das outras duas, e por isso está em contato mais íntimo com o resto do organismo.⁴⁷

Neste sentido, Epicuro concebe a alma como um corpo (*sarkós*) suscetível de decomposição, mesmo sendo ela constituída de partículas sutis, e, além disso, nela é possível encontrar corpos distintos cujas funções colaboram para a elaboração do pensamento. Desta maneira, ele explicita como a alma e o corpo produzem o conhecimento acerca da realidade. Neste sentido, conceitualmente, a alma é composta de duas partes: a racional (*logikón*), constituída de átomos especialíssimos, a qual sempre multiplica e frui possibilitando uma

⁴⁴ Carlos Garcia Gual, Epicuro, 1985, p. 115.

⁴⁵ Termo grego que expressa o corpo enquanto carne. Cf. A. Bailly, Dictionnaire Grec – Français. Paris: Librairie Hachette, 1950, p.298.

⁴⁶ Há controvérsias nesse número de elementos que constituem a alma. Alguns autores apresentam 4 elementos: o ar, o fogo, o sopro vital e o quarto elemento que é indefinido. Garcia afirma que comentadores como Giussani, Bailey e Diano, destacam que a quarta substância psíquica parece encontrar-se um reflexo do quinto elemento que falava Aristóteles.

⁴⁷ DL, op. cit., X, 63, p. 3298.

atividade reflexiva no indivíduo. Para Epicuro, essa parte é essencial ao entendimento por ser responsável pelo domínio de todo o corpo; a irracional (*alogón*) que é constituída de átomos sutis e móveis, os quais são ventosos e ígneos. Segundo Epicuro, esta parte seria responsável pela impressão das sensações, uma vez que, passando pelos sentidos, estabelecem a primeira forma de contato com a realidade. Assim, conforme Epicuro, essas duas partes exercem em conjunto e relacionam os dados que sucedem dos sentidos em conformidade com o caráter que cada um possui. A partir dessa compreensão acerca da natureza da alma, Epicuro apresenta sua importância como um dos instrumentos da percepção, isto é, a alma é responsável pela percepção da realidade como também pela efetuação dos dados sensíveis.

A noção de corpo (*sarkós*), em Epicuro, é bastante peculiar. Ele apresenta uma noção na qual o corpo possibilita ao homem entrar em contato com os fenômenos da realidade e pelos quais temos consciência daquilo que sentimos e expressamos. Neste sentido, Epicuro apresenta a noção de corpo, a saber, aquilo que proporciona uma ligação do indivíduo com a realidade, isto é, pode ser pensado como um instrumento para a investigação da natureza (*phýsis*).

Segundo Epicuro a alma sem o corpo não terá como exercer a função de faculdade das sensações e, por outro lado, o corpo não teria como compartilhar mutuamente os sentimentos produzidos por essa relação íntima que somente a alma é capaz de produzir⁴⁸.

Observa Epicuro que a alma, por ser constituída de átomos, decompõe-se, modificando a compreensão dos fenômenos, pois o indivíduo tem um corpo afetado constantemente, e, sendo assim, possibilitando pensamento e, conseqüentemente, conhecimento. Isto porque as duas partes, *alogón* e *logikón*, estão sempre possibilitando interações que auxiliam o homem a conhecer as coisas como elas são. A partir desta compreensão, Epicuro explicita que a alma é um dos instrumentos da percepção.

Nas etapas do processo cognitivo, Epicuro apresenta a tarefa da alma como instrumento possibilitador da passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções, projetando para uma atividade mais evoluída do conhecer humano. Segundo Silva⁴⁹, a alma é responsável pelo “salto” do pensamento (*epibolé tès diánoias*) dessas etapas cognitivas na elaboração de uma investigação minuciosa dos fenômenos apresentados ao indivíduo.

Na teoria do conhecimento de Epicuro, podemos identificar uma tentativa de demonstrar que há uma relação de adequação entre as impressões dos sentidos e as pré-noções

⁴⁸ Por ela ser constituída de sopro e calor.

⁴⁹ SILVA, 2003, p. 70.

que temos da realidade investigada na própria natureza; isso ocorre devido a atividade reflexiva da alma. E como ocorre essa dinâmica entre as etapas cognitivas, Epicuro tenta fundamentar ao considerar que a alma tem uma maneira peculiar de criar modos e conexões que afetam o corpo modificando seus estados conforme o passo seguinte:

Tampouco a alma jamais teria sensações se não fosse de certo modo contida no resto do organismo. Mas, todo o resto do organismo, ao fornecer à alma a causa da sensação, participa também dessa propriedade que atinge a alma, embora não participe de todas as faculdades da alma. Por isso, com a perda da alma o organismo perde também a faculdade de sentir. De fato, o corpo não possuía em si mesmo tal faculdade, que lhe era suprida por alguma outra coisa, congenitamente afim a ele, ou seja, a alma, que com a realização de sua potencialidade determinada pelo movimento, produz imediatamente por si mesma a faculdade da sensação e torna participante o organismo, ao qual, como já dissemos, está ligada por uma estreita relação de vizinhança e consenso.⁵⁰

Epicuro concebe que corpo e alma têm uma função importante, a de possibilitar o salto que produzirá o pensamento (*diánoia*). Segundo ele, todo contato tendo como resultado sensação (*aísthésis*), simulacros (*eidola*) ocorridos pelo movimento afetarão os sentidos proporcionando noções antes já vivenciadas e encontradas na alma, acionando a memória (*mnéme*). Por conseguinte, o corpo tem uma função primordial nessa dinâmica da atividade intelectual da alma. O corpo está diretamente ligado à realidade perceptível proporcionando, portanto, esse interagir entre o indivíduo e a *Phýsis*. Assim, corpo e alma, sensibilidade e racionalidade se interagem e proporcionam o “salto” do pensamento (*epibolé tès diánoias*) para que o investigador tenha a verdadeira compreensão da realidade (*phýsis*). Afirmo Epicuro:

Se correlacionarmos todos esses raciocínios referentes à alma com os sentimentos e as sensações, lembrarmos tudo que foi dito inicialmente, teremos de reconhecer que esses raciocínios apresentam em suas linhas essenciais a doutrina que nos permite determinar os próprios detalhes com precisão e segurança.⁵¹

⁵⁰ DL, op. cit., X, 64, p. 298.

⁵¹ Ibidem., X, 68, p. 299.

A *physiología* sana os medos que o homem herda da cultura e do contexto em que ele vive. Para Epicuro, a felicidade buscada pelo homem não necessita de uma garantia de vida pós-morte:

A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males. O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é fardo e não-viver não é um mal.⁵²

Portanto, Epicuro nos apresenta uma *physiología* que educa o homem a perceber que a realidade não é predestinada. Assim, a *phýsis* se realiza conforme a relação de átomo, movimento e vazio. Não nos pertence definitivamente o futuro, este não é totalmente nosso, e nem definitivamente não-nosso. Por isso, em Epicuro, somente com a compreensão da *phýsis* o homem pode ser feliz. Desse modo, o capítulo seguinte terá como propósito apresentar e discutir as passagens nas quais Epicuro inicia a questão do conhecimento. Assim, tratará de investigar os pressupostos do modo epicúreo de conhecer, porém, tendo como idéia principal os critérios de validade para a compreensão da *phýsis*.

⁵² Carta sobre a Felicidade. 2002, p. 30ss. UNESP.

3 CRITÉRIOS PARA A COMPREENSÃO DA *PHÝSIS*

Se rejeitares sumariamente qualquer sensação e se não conseguires distinguir entre a conclusão da opinião quanto à aparência que espera confirmação e aquela realmente dada pela sensação ou sentimento, ou cada apreensão intuitiva do espírito, confundirás também todas as outras sensações com a mesma opinião infundada, de tal forma que rejeitarás todos os padrões de juízo. E se entre as imagens mentais criadas por tua opinião afirmas tanto aquilo que espera confirmação como aquilo que não espera, não escaparás do erro, pois terás conservado toda causa de dúvida em cada juízo a propósito do que é verdadeiro e do que é falso.⁵³

Apresentar a concepção de uma teoria do conhecimento, em Epicuro, é uma tarefa muito complexa. A primeira dificuldade que podemos evidenciar no que se refere a fazer uma investigação profunda nos textos de Epicuro é a ausência de suas obras originárias. Estas, por vários motivos, não foram conservadas ao longo da história. Entretanto, podemos ressaltar que o conteúdo, tanto da Carta a Heródoto quanto da Carta a Pítocles, pode evidenciar a questão apresentada por Epicuro que envolve o processo de conhecimento.

Segundo Diógenes Laércio, quando Epicuro trata do problema do conhecimento, dá-se o início de seu pensamento. Para ele, a natureza constitui a única realidade e a única possibilidade de conhecimento. A sua gnosiologia tem como propósito evidenciar que é nas sensações onde se origina o conhecimento. Assim, Epicuro tenta elaborar uma *theoria* que sustente a validade do conhecimento, a partir das sensações. Este capítulo tem como propósito apresentar e discutir as passagens nas quais Epicuro inicia a questão do conhecimento.

A canônica⁵⁴, segundo Diógenes Laércio, consistia numa parte distinta da física e da ética. Ademais, o *Corpus* epicúreo sugere que a canônica passa a configurar uma teoria do conhecimento, por meio da qual se procura demonstrar a veracidade de qualquer saber. Neste sentido, o modelo de conhecimento enunciado por Epicuro implica os critérios de verdade, que são os parâmetros para a determinação do verdadeiro, a saber, as sensações (*aísthesis*), as afecções (*páthos*), as impressões sensíveis (*prolépsis*) e a elaboração do pensamento (*epibólē tos diánoia*).

⁵³ DL, op. Cit., X, 147, *Máximas Principais* XXIV, 1998, p. 318.

⁵⁴ Segundo Diógenes Laércio, Epicuro utilizava o termo Kanon para se referir às questões do conhecimento (DL, X, 29. p. 289).

3.1 AS SENSações (AÍSTHESIS) COMO PONTO DE PARTIDA DO CONHECIMENTO

Na Carta a Heródoto, apesar das limitações dos textos, constam-se vestígios de uma teoria do conhecimento epicúrea. Epicuro apresenta as sensações (*aísthesis*)⁵⁵ como garantia para obter o conhecimento da realidade. Para ele, a sensação surge do choque entre dois corpos, uma vez que o ser humano é um composto, e o que ele recebe da natureza, à medida que é capaz de produzir sensação, também o é. Assim, as sensações nascem do encontro entre as coisas e o homem, que, por intermédio dos órgãos dos sentidos, assimila-as. Conforme observa Asmis⁵⁶: “O que se patenteia na percepção é o efeito de uma interação entre nós e átomos que chegam a nós. Fora da percepção, não há qualquer esfera vermelha externa”.

Entretanto, o que se entende por *aísthesis*? Refere-se aos cinco sentidos, a saber, a visão, audição, tato, olfato e gosto. O contato com os objetos, as coisas e a maneira como o indivíduo percebe pelos sentidos possibilita o conhecimento. Para Epicuro, os sentidos têm um papel essencial na nossa forma de perceber a realidade e de como falar dessa realidade. Assim, a sensação é concebida por ele como o critério universal para se obter o conhecimento. Observa Cornford⁵⁷ que a importância da sensação é tão pertinente em Epicuro que chegava a afirmar: a sensação é a única e última garantia ou critério de avaliação da verdade.

Segundo Diógenes Laércio, Epicuro afirma que a sensação (*aísthesis*) é objetiva e verdadeira, nada existe que possa contradizê-la, nada pode ser acrescentado ou retirado dela, uma vez que elas são consideradas desprovidas de razão (*álogos*) e de memória. Para ele, a garantia desta veracidade é confirmada pelo seu caráter auto-evidente:

A veracidade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas. Ver e ouvir são tão reais quanto sentir a dor; logo, é necessário que nossas inferências sobre aquilo que não cai no âmbito dos sentidos provenham do mundo dos fenômenos.⁵⁸

Contudo, é significativo entendermos como as sensações estão envolvidas e como estas influenciam nas etapas do conhecimento.

⁵⁵ No dicionário A. Bailly (1950) o termo *aísthesis* está traduzido como faculdade de perceber pelos sentidos e como sensação.

⁵⁶ Asmis, 1999, p. 273.

⁵⁷ Cornford, 1981, p.21.

⁵⁸ DL, op. cit., X, 32, p. 290.

A gnosiologia epicúrea sugere que o mundo afeta constantemente os sentidos (*aístetos*) os quais fornecem dados originados às sensações (*aísthesis*), tornando-as infalíveis e verdadeiras. Há um número infinito de mundos que são gerados pelos átomos, e por serem livres, se deslocam no vazio como também formam corpos compostos.

Na teoria do conhecimento, em Epicuro, é preciso constatar que a concepção de mundo (*phýsis*) é de suma importância para fundamentar a origem do conhecimento. Para ele, a possibilidade do conhecer está fundamentada no contato das partículas atômicas que estão presentes nos corpos e que compõem as realidades compostas, são consequências das mutações que ocorrem nos corpos. Neste sentido, para Epicuro, tanto os simulacros (*éidola*), e o pensamento são causados pela relação: átomos, movimento e vazio conforme o passo seguinte:

Há impressões semelhantes à figura dos corpos sólidos, que por sua sutileza superam consideravelmente as coisas que aparecem aos nossos sentidos. Não é impossível que no ar circunstante se formem combinações desse gênero ou que se achem materiais adequados à produção de superfícies côncavas ou planas ou emanações que conservem a mesma disposição e a mesma seqüência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provém; damos a essas impressões o nome de imagens.⁵⁹

Conforme Epicuro, as imagens (*éidola*) são formadas por átomos tão sutis que ao desprender dos objetos como eflúvios atingem os sentidos do indivíduo cognoscente. Assim, a percepção é garantida por uma determinada forma de contato dos átomos com os órgãos dos sentidos (*aístetos*) seja pelos mecanismos da visão, da audição, do olfato. Neste sentido, o choque dos eflúvios com os órgãos sensoriais possibilita o reconhecimento das propriedades que constituem cada objeto perceptível. Ademais, a forma como se dão as sensações dos odores, dos sons, dos gostos e das visões não passa de contato entre corpos, a exemplo do que acontece com o tato. Epicuro afirma que a audição é produzida pelo deslocamento súbito de partículas gerando em nós a sensação auditiva. Em relação ao odor, ele sugere que este se manifesta quando pequenas partículas desprendidas pelos corpos excitam, por meio de choque, o órgão sensorial respectivo.

⁵⁹ DL, op. cit., X, 46, p. 293.

Segundo Epicuro, sem esta possibilidade do choque, a investigação não tem a devida procedência, e no que se refere às opiniões estas passam a se apoiar em suposições sem fundamento. Além disso, sugere Epicuro que os átomos, ao atingirem os corpos compostos, vibram incessantemente produzindo imagens (*eidola*). Observa Bollack⁶⁰, “a percepção das formas requer que uma parte do objeto penetre no sujeito que percebe”. No parágrafo 49 da Carta a Heródoto, Epicuro afirma:

Devemos ter em mente que é pela penetração em nós de qualquer coisa vinda de fora que vemos as figuras das coisas e fazemos delas objeto de nosso pensamento. Tampouco as coisas externas poderiam imprimir em nós sua própria cor natural e sua forma natural por meio do ar existente entre nós e elas, nem por meio de raios ou correntes de qualquer espécie que se movem de nós para elas, tão claramente como quando entram em nós algumas impressões cuja cor e cuja forma são iguais às coisas [...].⁶¹

No processo cognitivo apresentado por Epicuro, o homem só poderá proceder numa investigação da natureza (*phýsis*) tendo como ponto de partida as sensações (*aísthesis*). O ato de conhecer é facultado por essa operação prévia que consiste no choque dos átomos dos corpos exteriores com o do *physiologós*. Neste sentido, para Epicuro não há outra possibilidade de conhecer que não seja através das sensações, conforme sugere a *Máxima*: “Se lutares contra todas as sensações, não terás um critério de referência, e assim não poderás julgar sequer aqueles juízos que qualificas de falsos⁶².”

Nesta passagem percebe-se que a negação total das sensações implica a ausência absoluta de critério para decidir sobre a validade de qualquer uma delas, inclusive daquelas que foram particularmente indicadas como falsas. Assim, as sensações são indispensáveis e incontestáveis para que possamos julgar se nossas opiniões são verdadeiras ou falsas. Conforme observa Cornford⁶³, com essa fundamentação, Epicuro garante a sua tese da “infalibilidade da sensação, porque são os sentidos que revelam o mundo material das coisas tangíveis e estas são, quanto a ele, as únicas realidades”.

Este critério garante ao investigador obter o conhecimento evitando resultados errôneos. Segundo Epicuro, o erro ocorre quando a investigação tem por fundamento opiniões

⁶⁰ Bollack, Jean. La Lettre d'Épicure, p. 53.

⁶¹ DL, op. cit., X, 49, p. 294.

⁶² DL, op. Cit., X, 146, *Máximas Principais* XXIII, 1998, p. 318.

⁶³ Cornford, 1981, p.24.

vazias e infundadas. Assim, uma vez que a opinião pode errar, conseqüentemente, não pode ser escolhida como um critério.

Entretanto, se os sentidos são confiáveis possibilitando ao indivíduo uma apreensão da realidade, como se explica o fato de os homens elaborarem juízos falsos? Para Epicuro, a maior parte dos erros advém dos juízos que o pensamento humano elabora a respeito dos fatos, fazendo-se ver o que os sentidos de fato não viram conforme sugere o parágrafo 50 da *Carta a Heródoto*:

A falsidade e o erro dependem sempre da superposição de uma simples opinião quando um fato espera a confirmação crítica, ou pelo menos espera não ser contraditado, com efeito, freqüentemente o fato não é confirmado cientificamente ou é até contrariado em seguida (de acordo com um certo movimento interior correlacionado com a força intuitiva da apresentação, porém, distinta desta, causador do engano).⁶⁴

Segundo Epicuro, a ocorrência do erro é devido a opinião que pode induzir um julgamento errôneo sobre a sensação. Conforme Diógenes Laércio⁶⁵, os epicuristas afirmam: “a opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz; é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz”. Destarte, no que se refere ao engano, que o observador tem de determinadas coisas, ocorre pelo distanciamento dos simulacros em relação a determinado objeto ou fenômenos. Se um simulacro se afasta de um objeto, aquele evidentemente apresentará uma distorção. Na sua obra *Da Natureza*, Lucrécio enriquece essa idéia com a seguinte passagem:

O navio em que somos transportados move-se e parece estar parado; e aquele que fica no ancoradouro julgamos nós que avança. As colinas e os campos parecem fugir-nos pela popa quando passamos perto, de navio, levados pelo vô das velas. As estrelas parecem estar todas fixas nas abóbadas do ar e todas elas são levadas em contínuo movimento; todas elas tornam a ver, depois de nascerem, o poente longínquo, quando já mediram com seu corpo brilhante o céu inteiro. Do mesmo modo, segundo parece, permanecem o sol e a lua nas suas posições, quando é certo que os fatos indicam que eles movem. Visto de longe, os montes surgem do meio do abismo e que dão entre si passagem livre e grande para esquadras, parecem todavia formar juntos apenas ilha.⁶⁶

⁶⁴ DL, op. cit., X, 50, p. 294.

⁶⁵ Ibidem, X, 34, p. 290.

⁶⁶ Lucrécio, op.c it., IV, v. 389-399.p. 84.

Nesta passagem, Lucrecio sugere que os erros de juízo ocorrem devido os simulacros sofrerem alterações à medida que a distância separa o objeto do observador, porém, a sensação os revela do modo como eles afetam os sentidos. Com efeito, o simulacro distante de um objeto difere-se efetivamente do simulacro próximo ao objeto. Destarte, observa Epicuro, ao que se refere às coisas que são do “alto”, ele afirma que não é possível observar “de perto” e, por isso, pode proporcionar diversas possibilidades de interpretação referente aos fenômenos investigados.

Segundo Epicuro, por essas realidades estarem acima da terra ou por fazerem parte da realidade subterrânea, como também dos fenômenos atmosféricos, não podemos emitir julgamento, devido o distanciamento que essas realidades se apresentam a nós, dificultando uma observação mais próxima a elas. Observam Long e Sedley⁶⁷ “a sensação reproduz o objeto que lhe faz surgir, não necessariamente tal como é em si, mas tal como chega ao órgão que o percebe”. Neste sentido, não pertence às sensações assegurar a que distância se encontra o objeto do qual desprende os simulacros que lhes afetam, porém, apreender o que advém do objeto. Assim, Epicuro sugere que, para evitar o uso de opiniões que conduzem ao erro, faz-se necessário verificá-las. Para ele, os juízos são verdadeiros quando a sensação os confirma ou, pelo menos, não os contradiz conforme Epicuro assegura no passo 91 da Carta a Pítocles:

O tamanho do sol, da lua e dos outros astros em relação a nós é exatamente o que vemos (isto ele afirma também no décimo primeiro livro *Da Natureza*. Se houvessem perdido em grandeza por causa da distância, muito mais teriam perdido em luminosidade. Nenhuma distância, então, é mais proporcional que esta). Mas, o tamanho em si na realidade pode ser maior que aquele que vemos, ou um pouco menor, ou igual. Assim, também os fogos que nossos sentidos percebem, quando observados à distância são vistos de modo correspondente às nossas sensações. Toda objeção contra esta parte de minha doutrina será facilmente refutada por quem estiver atento à evidência imediata dos fatos, como demonstro nos livros *Da Natureza*.⁶⁸

Neste trecho fica patente que, para Epicuro, quando um indivíduo observa a distância a torre arredondada de um edifício, assim, do mesmo modo, as sensações a percebem, fazendo-se necessário uma verificação mais de perto, quando um análogo juízo seja

⁶⁷Cf. LS, 2001, 1, p. 85.

⁶⁸DL, op. cit., X, 91, p. 304.

contestado. Como observa Cornford⁶⁹, “O juízo deve ser mantido em suspenso até obtermos uma confirmação através da “visão clara”. Se for confirmado por um exame mais de perto, o juízo será exato”.

Privar o poder da sensação à concepção atomista à qual pertence Epicuro, significa modificar os propósitos do método epistemológico pensado por ele. O fundamento, portanto, sobre a qual repousa, em última instância, a veracidade dos sentidos, é a evidência daquilo que neles se mostra como objeto sensível ao modo de percepção direta, conforme sugere a *Máxima Capital*⁷⁰: “Devemos considerar como fim o propósito real e a evidência da percepção direta, padrões de referência com que sempre conferimos as conclusões da opinião; se assim não for, tudo estará cheio de dúvida e confusão”. Assim, fica patente que para Epicuro não se pode inferir outra possibilidade de conhecer que não seja pelas sensações.

3.2 AS AFECÇÕES (*PÁTHOS*)

Na teoria do conhecimento de Epicuro, as afecções (*páthos*)⁷¹ fazem parte do processo cognitivo. Elas são definidas como o ponto de partida para que haja uma relação dos órgãos dos sentidos com as imagens que são produzidas pelas sensações. Uma sensação pode ser entendida como uma afecção do corpo a partir do contato com os outros corpos ou com os fenômenos, e, através das afecções o indivíduo está interligado aos fenômenos a serem investigados.

Segundo Epicuro, as afecções se manifestam do contato dos corpos com outros corpos ou se dá no contato com o fenômeno. É através das afecções que sempre haverá a possibilidade de emitirem significados acerca da realidade ou dos fenômenos que estão sob investigação. Assim, para Epicuro, as afecções são admitidas como critério de verdade e ele as considerava de dois tipos, a saber, de prazer e de dor. No passo 128 da *Carta a Meneceu*, ele afirma que “o prazer é o princípio e fim da vida feliz”. As afecções são consideradas por ele critério para discriminar o verdadeiro do falso, como também critério normativo do agir

⁶⁹ Cornford, 1981, p.21.

⁷⁰ DL, op. Cit., X, 146, *Máximas Principais* XXII, 1998, p. 318.

⁷¹ O significado de *páthos* no contexto helenístico tende para a noção de afecção ou tudo aquilo que afeta o corpo ou a alma, Cf. A. Bailly, *Dictionnaire Grec- Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950.

humano, ou seja, elas são parâmetros para toda a escolha e toda rejeição conforme relata Diógenes Laércio:

Eles dizem que os sentimentos (ou afecções) são dois: o prazer e a dor, que se manifestam em todas as criaturas humanas, e que o primeiro é conforme à natureza humana, e a outra lhe é contrária, e que por meio dos dois são determinadas a escolha e a rejeição.⁷²

Epicuro sugere que as afecções não se produzem por si mesmas, porém, são produzidas por alguma coisa. E, se algo age sobre o indivíduo, necessariamente esse algo deve ser real. Ademais, ele sugere que, se as afecções são produzidas por alguma coisa, o prazer e a dor devem corresponder a essa coisa. Com efeito, admitindo que a afecção é uma sensação que expressa a exata representação dos compostos, pode-se admitir a legitimidade da afecção como sugerem Long e Sedley:

Convicções sobre os valores morais das coisas são verdades tão objetivas quanto convicções sobre suas naturezas físicas, e que os sentimentos são os árbitros desta verdade. Em todo caso, é claro que as afecções desempenham um papel crítico também na física, isto é, como nossa fonte de dados de introspecção para averiguar a natureza da alma.⁷³

Entretanto, de que maneira Epicuro fundamenta essa concepção? No passo 48 da Carta a Heródoto ele afirma que os corpos emitem partículas sutis que produzem imagens que permitem o reconhecimento, pelos sentidos, das suas características determinantes. Essas imagens que ele entende como sentidos internos são denominados de simulacros (*eídolas*) que na física de Epicuro são justificados como átomos que advém das realidades compostas. Ele afirma que de todas as coisas emanam esses simulacros e que penetrando em nós não só produzem sensações como também pensamento conforme o passo seguinte:

⁷² DL, op. cit., X, 34, p. 290.

⁷³ Cf. LS, 2001, 1, p. 90.

Além disso, deve-se ter em mente que a formação das imagens é tão veloz quanto o pensamento, e que a emanação proveniente da superfície dos corpos é incessante e nunca poderemos perceber com os sentidos uma diminuição dos corpos, pois a matéria é resposta constantemente. A emanação conserva durante muito tempo a disposição e a seqüência que os átomos tinham num corpo sólido embora às vezes ocorra alguma confusão. [...] Mas, nada de tudo isso é contraditado pelas sensações, se nos atemos de certo modo à evidência imediata, à qual devemos acrescentar o consenso suprido pelas propriedades constantes das coisas que nos vêm de fora.⁷⁴

Segundo Epicuro, é devido a sutileza, as direções e o movimento rápido que os simulacros nos possibilitam sentir e pensar as coisas, as realidades, os fenômenos os quais investigamos. Entretanto, constata-se uma dificuldade, a saber, a de delimitar como podem ser corretas as representações das imagens que emanam dos corpos pelos sentidos.

No que se refere à validade dos simulacros, Epicuro os compreende como critério de verdade, mesmo identificando que alguns simulacros podem se decompor. Isso só ocorre quando há o distanciamento dos simulacros de determinadas realidades. Tais simulacros podem provocar enganos, erros, fantasias; nem por isso, podemos desconsiderá-los. Para Epicuro, as nossas representações advêm dos simulacros porque elas são derivadas de realidades externas. Além disso, ele afirma que nem mesmo a razão pode negar ou colocar em contradição as sensações, uma vez que todo estímulo racional depende das sensações.

E como garantir essa validade? Segundo Diógenes Laércio, para Epicuro, a validade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas, ou seja, o que é percebido de modo imediato penetra pelos sentidos livres dos equívocos, uma vez que as projeções provocadas na alma representam exatamente os objetos observados. Destarte, as sensações apresentam clareza de evidência e validade, já que elas próprias transmitem veracidade de forma individualizada. Com efeito, Epicuro afirma não ter como apresentar comparações entre as sensações, pois cada uma tem origem em um determinado fenômeno. Deste modo, não tem como constatar uma contradição de uma afecção por meio de outra afecção, uma vez que cada uma delas transmite veracidade própria conforme relata o passo seguinte:

⁷⁴ DL, op. cit., X, 48, p. 294.

Tampouco uma sensação homogênea pode contradizer outra sensação homogênea, porque uma e outra são equípolentes, nem uma sensação heterogênea pode contradizer outra heterogênea, porque os objetos de seus juízos não são os mesmos.⁷⁵

Assim, as afecções são consideradas como ponto de partida de todo processo cognitivo no homem. São as afecções que imprimem em cada um de nós as primeiras noções que temos acerca da realidade, ou seja, são elas que nos colocam diante dos fenômenos e dos objetos que fazem parte da nossa realidade, e pelas quais elaboramos conceitos e idéias.

3.3 AS ANTECIPAÇÕES (*PROLÉPSIS*)

Epicuro apresenta como segundo critério de verdade, na sua teoria do conhecimento, a noção de antecipação (*prolépsis*) denominada, também, pré-noção, ou ainda impressão é o instrumento que se refere aos conteúdos preexistentes na alma no instante em que algo é percebido pelo indivíduo. Além disso, podem ser entendidas como representações mentais das coisas. Segundo Epicuro, sem as antecipações não é possível raciocinar nem refletir. São elas que permitem ultrapassar o real que se coloca à frente. Conforme Epicuro, as impressões são produzidas pelo fluxo constante dos simulacros e por uma determinada regularidade e constância agindo no indivíduo.

Segundo Diógenes Laércio, os epicuristas entendem por antecipação “uma espécie de cognição ou apreensão imediata do real, ou uma opinião correta, ou um pensamento ou uma idéia universal ínsita na mente [...]”⁷⁶. Neste sentido, para os epicureus a *prolépsis* é formada a partir de impressões sensíveis. A variedade de sensações que vão ocorrendo forma, ao longo do tempo, uma memória que é constituída por um acúmulo de registros. Estes passam por um processo de comparação e seleção, de uns em relação aos outros, constituindo traços comuns e genéricos, estabelecendo uma noção geral (*prolépsis*).

Observa Asmis⁷⁷, segundo Epicuro, “o que faz os conceitos serem armazenados é a habilidade do espírito de selecionar imagens à sua escolha a partir de um fluxo em permanente movimento de imagens”. Para Epicuro, é de suma importância o exercício

⁷⁵ DL, op. cit., X, 32, p. 290.

⁷⁶ Ibidem., X, 33, p. 290.

⁷⁷ Asmis, 1984, p. 63.

constante da memória no que se refere aos conceitos básicos para desenvolver uma *physiología*. Assim, a alma é orientada a procurar na memória os conceitos elementares acerca de um objeto, conforme sugere o parágrafo 36 da Carta a Heródoto:

Com efeito, devemos voltar incessantemente à visão unitária e sintética, e memorizá-la de maneira a poder obter dela uma concepção fundamental para a compreensão das coisas e especialmente descobrir todos os pontos de vista exatos para a compreensão das particularidades, quando os princípios gerais e fundamentais estiverem corretamente entendidos e firmemente fixados na memória.⁷⁸

Neste sentido, para o observador formular conceitos ou obter conhecimento, faz-se necessário que os dados procedentes dos sentidos sejam representados conforme o que é observado, ou seja, o conhecimento só é possível quando aquilo que pode ser atestado e compreendido pela razão, tendo em sua origem o que é percebido pelos sentidos. Assim, quando o indivíduo percebe, toca, cheira e saboreia algo, estas sensações são tomadas como evidências primárias as quais poderão possibilitar e orientar uma investigação posterior. Sendo assim, sem as antecipações não haveria possibilidade de nomear um animal que se avista ao longe por chipanzé, e não por gorila. Tal hipótese não seria possível se não existisse uma idéia geral do que venha a ser animal. Segundo Epicuro, quando um indivíduo se defronta com um objeto do qual ele já tenha obtido dados gerais, poderá recorrer à memória para reconhecê-lo e estabelecer opiniões acerca deste objeto.

Para Epicuro, tudo o que existe são átomos, compostos de átomos, e o vazio, por meio do qual eles se movem. O homem faz parte desta realidade, incluindo sua capacidade orgânica, perceptiva e intelectual. Sendo assim, para Epicuro, as evidências primárias é resultado do contato entre corpos, a saber, dos sentidos e dos simulacros proveniente dos objetos, trazendo consigo os elementos que identificam os compostos aos quais pertencem. Além disso, segundo ele, as antecipações (*prolépsis*) permitem identificar as diversas percepções das coisas sob um símbolo mental, e ainda, proporcionam a garantia de um ponto de partida para uma investigação daquilo que ainda não é conhecido, como também de realidades entendidas como não acessíveis aos sentidos. Neste sentido, Epicuro sugere a possibilidade do indivíduo emitir juízos, conhecer, uma vez que as informações dos sentidos servem como critério para o indivíduo obter o conhecimento. Observam Long e Sedley:

⁷⁸ DL, op. cit., X, 36, p. 291.

Uma prolepse é uma noção genérica de qualquer tipo de objeto de experiência, o conceito naturalmente evocado pelo nome daquela coisa. Normalmente ela será sintetizada por experiências repetidas de algo externo (...). Enquanto sua origem empírica ou natural deve prover a justificativa básica de se usar a prolepse como critério de verdade, a razão mais ampla de usar a prolepse como critério de verdade é sua indispensabilidade como ponto de partida na filosofia. A menos que algo seja tomado como dado, nossas investigações serão mergulhadas num regresso vicioso de provas.⁷⁹

Partindo desta concepção, a *prolépsis* representa, para Epicuro, diferentes formas de apreensão, seja esta de uma idéia ou de um pensamento. Assim, para ele a possibilidade de criarmos conceitos é devido ao conjunto de conteúdos preexistentes na alma no instante em que algo é percebido. Quando um indivíduo está numa fase de investigação, recorre à memória esses conteúdos, impressos na alma possibilitando uma atividade intelectual que resulta em novos dados sobre o objeto investigado. Sem a *prolépsis* não haveria a possibilidade do indivíduo fazer elaborações intelectivas, uma vez que as sensações não podem perceber essas realidades mentais. Num processo investigativo, o observador tem a possibilidade de sempre recorrer à mente para rever conteúdos e novos conceitos sobre o objeto investigado.

Além disso, para Epicuro, quando emitimos um juízo sobre determinado objeto, é porque já tínhamos uma opinião correta sobre tal objeto, e essa opinião é resultado de impressões anteriormente presentes na alma. Conforme Epicuro, para que haja uma investigação minuciosa, faz-se necessário ter pré-noções sobre determinado objeto ou fenômeno que compõem essas realidades. Entretanto, quando não temos nenhuma pré-noção sobre determinado objeto ou fenômeno, é preciso o observador fazer constantes observações para adquirir uma determinada evidência acerca do que se investiga. Assim, Epicuro ordena o seu método investigativo tendo como pressuposto para obter o conhecimento as noções gerais que compõem tal objeto.

Neste ponto, é pertinente discutir a questão da linguagem, uma vez que, para Epicuro, os vocábulos que constituem a linguagem são atribuídos às pré-noções (*prolépsis*). Deste modo, para ele os vocábulos são naturais, sendo constituídos de expressões fonéticas conforme à natureza particular de cada povo, pelas sensações e imagens das coisas. Observa Marcel Conche⁸⁰ “a linguagem nasce *physei*, porém, se desenvolve, e se enriquece em opinião (*thésis*) e no cálculo da razão (*logismós*)”. Epicuro afirma poder, nessa origem natural, ser

⁷⁹ Cf. LS, 2001, 1, p. 89.

⁸⁰ M. Conche. *Èpicure, Lettres et Maximes*, p. 178-180.

inserida a convenção, a saber, partindo de experiências novas criar vocábulos novos conforme sugere a passagem seguinte:

Por isso, os nomes das coisas também não foram originariamente postos por convenção, mas a natureza dos homens de conformidade com as várias raças os criou; sob o impulso de sentimentos peculiares e de percepções peculiares os homens emitiam gritos peculiares. O ar assim emitido era moldado por seus sentimentos ou percepções sensitivas individuais, e de maneira diferente segundo as regiões habitadas pelas raças. Mais tarde as raças isoladas chegaram a um consenso e deram assim nomes peculiares a cada coisa, a fim de que as comunicações entre elas fossem menos ambíguas e as expressões fossem mais breves.⁸¹

Nesta passagem, observa Garcial Gual⁸² que “a ambigüidade de alguns termos da linguagem pode ser motivo de erro, ao associar falsamente pré-noções e sensações, e produzir um falso predicado”. Ademais, no parágrafo 37 da Carta a Heródoto Epicuro recomenda ao investigador o cuidado no uso de palavras, buscando o sentido original e evitando uma via de investigação que o conduza ao infinito como sugere o passo seguinte:

Em primeiro lugar, Herôdotos, devemos apreender as idéias inerentes às palavras, para podermos ser capazes de nos referir a elas e julgar assim as inferências de opinião ou problemas de investigação ou reflexão, de maneira a não deixar tudo incerto e não ter de continuar explicando tudo até ao infinito, ou então usar palavras destituídas de sentido.⁸³

Assim, para Epicuro, as coisas se manifestam pela linguagem, uma vez que as antecipações sendo reveladas por ela exprimem a natureza das coisas.

Outro ponto pertinente na gnosilogia epicúrea é o que se refere à observação como instrumento de validação dos dados, tal procedimento tem como princípio a experiência. Entretanto, Epicuro admite também o uso de analogias que têm por objetivo investigar os fenômenos distantes cuja observação é limitada. Além disso, ele apresenta outra discussão envolvendo a percepção e a experiência para delimitar o papel de cada uma no processo cognitivo conforme o passo seguinte:

⁸¹ DL, op. cit, X, 75-76. P.300.

⁸² Carlos Garcia Gual, Epicuro, 1985, p. 80.

⁸³ DL, op. cit, X,37. p.291.

As apresentações que, por exemplo, são recebidas em uma pintura, ou vistas em sonhos ou por qualquer intuição da mente ou por outros critérios da verdade, não seriam jamais semelhantes às coisas que designamos como realmente existentes e verdadeiras se existissem certos termos concretos de comparação. Não haveria erro se não houvésssemos experimentado um certo movimento em nós mesmos, correlacionando com a percepção do que é apresentado, mas distinto dela. E desse movimento, se ele é confirmado ou não é contraditório, depende a verdade.⁸⁴

Assim, Epicuro apresenta, na sua teoria do conhecimento, que a percepção tem o papel de possibilitar ao observador uma pré-noção de tudo o que vai ser investigado. Por outro lado, o resultado obtido pelo indivíduo no processo investigativo dependerá do método utilizado para validar os resultados de sua investigação. Segundo Epicuro, a experiência sempre será válida para adquirir conhecimento, porém, o critério utilizado para elaborar essa investigação irá diferenciar se o conhecimento é verdadeiro ou falso. Sendo assim, a *prolépsis* possibilita a garantia de uma apreensão que fazemos do objeto investigado, ou seja, ela permite identificar as diversas percepções das coisas ordenando-as sob um mesmo signo mental, reconhecer as novas sensações que nos afetam, e, ainda possibilita ao investigador um ponto de partida firme para uma investigação do que não é ainda conhecido, ou de fenômenos concebidos como não acessíveis aos sentidos.

A *prolépsis* mantém uma estreita relação com a sensação, conduzindo a alma a procurar uma definição prévia que possibilitará, um conceito mais específico acerca do que está sendo investigado. Sendo assim, na gnosilogia epicúrea atesta-se um modelo de investigação que torna explícito as etapas do conhecimento apresentadas com a devida coerência.

3.4 A ELABORAÇÃO DO PENSAMENTO (*EPIBOLÉ TÈS DIANÓIAS*)

No *Corpus*, Epicuro infere três categorias de objetos, classificando-os consoante a maior ou menor perspectiva de uma avaliação direta, a saber, objetos totalmente perceptíveis (*pródela*), que, devido a sua proximidade, possibilitam-nos avaliar diretamente; objetos

⁸⁴ Ibidem, X, 51. p.295.

perceptíveis, não nos permitindo, porém, uma avaliação direta, tal como os fenômenos astronômicos e meteorológicos (*tá metéora*), bem como o das coisas que estão sob a terra; e, por fim, aqueles que são imperceptíveis aos sentidos (*ádela*), tais como, os deuses, o átomo e o vazio, que, segundo Epicuro, são acessíveis apenas ao pensamento.

Ao primeiro tipo de objetos pertencem as imagens (*eidola*) que, antecipadas pelo espírito, podem ser confrontadas com uma percepção mais fidedigna dos corpos que as originam, seja na confirmação ou na infirmação da imagem apresentada ao espírito.

Já o segundo tipo de objetos oferece uma dificuldade para o *physiologós*: como determinar com precisão a natureza destes fenômenos, isto é, o mecanismo de seu funcionamento e suas características mais gerais, na medida em que eles se encontram fora do nosso campo de avaliação direta?

A atenção dedicada a esses fenômenos por Epicuro e em seu *Corpus* está relacionada diretamente ao antifinalismo e a antiprovidencialismo de sua filosofia. É preciso considerar que tanto o céu como as regiões subterrâneas sempre foram considerados lugares privilegiados de manifestação do poder divino. Desse modo, este domínio adquire, para Epicuro e seus discípulos, relevância na tarefa de ilustrar o naturalismo e expurgar os falsos temores impostos pela visão religiosa tradicional, conforme o parágrafo 76 da Carta a Heródoto:

Quanto aos fenômenos celestes, não se deve crer que os movimentos, as revoluções, os eclipses, o surgir e o por dos astros e fenômenos similares ocorram por obra ou por disposição presente ou futura de algum ser dotado ao mesmo tempo de perfeita beatitude e imortalidade.⁸⁵

Para um epicurista, o que pode ser feito neste domínio pelo *physiologós* é tão somente enumerar algumas explicações possíveis, em termos que levam em conta a redução do mecanismo do fenômeno ao encontro entre átomos, ao mesmo tempo em que deve suspender toda pretensão a emitir um juízo que beneficie qualquer destas suposições. A este propósito, Epicuro ensina ainda que os fenômenos produzidos próximos a nós trazem-nos indícios que orientam a formulação destas suposições como sugere o parágrafo seguinte:

⁸⁵ DL, op. cit, X, 76. p.301.

[...] Portanto, em nossa investigação dos fenômenos celestes e de todos os fenômenos que não se enquadram no âmbito de nossos sentidos, devemos utilizar as nossas observações relativas à multiplicidade dos modos de ocorrência de um fenômeno terrestre análogo. (...) Se admitimos, então, que um determinado fenômeno pode verificar-se de uma determinada maneira, porém reconhecemos também que isso acontece de mais de um modo, conservamos nossa tranqüilidade de alma como se tivéssemos consciência clara de que isso ocorre dessa maneira determinada.⁸⁶

No que se refere ao terceiro tipo de objeto, os absolutamente imperceptíveis trazem para a teoria do conhecimento de Epicuro algumas dificuldades. Com efeito, no domínio sensível anterior, vimos que a impossibilidade de emitir um juízo seguro a respeito de determinado evento é explicada não apenas através da distorção sofrida pelos simulacros, desde o objeto a partir do qual são originados até impressionar nossos sentidos, mas também pela impossibilidade de efetuarmos uma avaliação direta no objeto. De todo modo, mesmo uma imagem distorcida é ainda uma imagem. Ora, que espécie de conhecimento podemos ter de coisas como o átomo e o vazio, na medida em que são imperceptíveis, isto é, não emitem simulacros?

A possibilidade do pensamento para Epicuro se dá a partir das sensações até as impressões sensíveis que se fixam na memória antecipando as noções básicas acerca de um objeto, resultando as projeções do pensamento (*epibolé tès diánoias*)⁸⁷. Além disso, a alma tem como tarefa possibilitar a passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções projetando para uma atividade cognitiva.

Na Carta a Heródoto, Epicuro refere-se a esta última etapa do processo cognitivo, mediante o qual o pensamento pode inferir a existência de algo que a sensação não atesta, a saber, os átomos, o espaço, o vazio, uma vez que são imperceptíveis aos sentidos como sugere o passo seguinte:

[...] Além disso, devemos compatibilizar todas as nossas investigações com nossas sensações, e particularmente com as apreensões imediatas, sejam elas da mente ou de qualquer outro instrumento de juízo, e compatibilizá-las igualmente com os sentidos existentes em nós, para podermos ter indicações

⁸⁶ Ibidem, X, 80. p.302.

⁸⁷ A tradução da expressão *phantastikè epibolé tès diánoias* são variadas. Lucrécio a traduziu como sendo uma “projeção do espírito”. Bollack traduz como uma “projeção imaginativa do pensamento” e E. Bréhier traduz como uma “projeção” ou “salto” do pensamento.

que nos permitam julgar o problema da percepção por via dos sentidos e do que é imperceptível aos sentidos.⁸⁸

Segundo Epicuro, todas as nossas noções têm origem nas sensações formuladas pelas projeções do pensamento, tendo em vista uma compreensão dos modos de realização da *phýsis*. Através deste processo, o espírito capta, por si próprio, verdades que, em primeiro lugar, não são contestadas pelos sentidos, e, em segundo lugar, estão em acordo com a nossa experiência cotidiana.

Observa Conrford que “o espírito tem de haver-se não já com imagens de percepção sensorial, mas unicamente com conceitos mentais”. Assim sendo, o conceito por ser evidente em si mesmo é captado por meio de um ato de apreensão mental.

A expressão "projeções do pensamento" sugere que o pensamento deve "projetar-se" em direção aos objetos que não são de modo algum perceptíveis. O seguinte comentário de Lucrecio parece estar de acordo com esta interpretação: ‘O espírito, realmente, procura pensar, visto haver um espaço infinito fora dos limites do mundo, que há então para além, lá onde a mente quereria investigar, lá onde o espírito se levanta num vôo livre e espontâneo’⁸⁹.

Nas *Máximas Principais*, Epicuro atesta esta noção de *epibolé tès dianóias* no passo seguinte:

Se rejeitares sumariamente qualquer sensação e se não conseguires distinguir entre a conclusão da opinião quanto à aparência que se espera confirmação e aquela realmente dada pela sensação ou sentimento, ou cada apreensão intuitiva do espírito, confundirás também todas as outras sensações com a mesma opinião infundada, de tal forma que rejeitarás todos os padrões de juízo.⁹⁰

3.5 A ALMA (*PSYCHÉ*) E OS PROCESSOS MENTAIS

A compreensão epicúrea da alma tem gerado discussões e críticas por esta apresentar uma noção da alma como uma realidade corpórea, fundamentada na concepção atomista de mundo, segundo a qual tudo o que existe é constituído de átomos e vazio. No parágrafo 63 da

⁸⁸ DL, op. cit, X,38. p.291.

⁸⁹ Lucrecio, De rerum natura, II, 1044-1047. p. 60.

⁹⁰ DL, op. Cit., X, 147, *Máximas Principais* XXIV, 1998, p. 318.

Carta a Heródoto, Epicuro refere-se à natureza da alma como algo semelhante ao corpo e que é passível de corrupção, sendo, composta de partículas sutis mantendo-se intactas, como sugere a passagem seguinte:

Depois disso, tendo em vista nossas sensações e sentimentos (pois assim teremos os fundamentos mais seguros para a credibilidade), é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo [...].⁹¹

Nesta passagem, Epicuro sugere vestígios de uma teoria do conhecimento por relacionar as partes da alma com elementos corpóreos os quais são essenciais para o contato da alma com a realidade, colaborando para a elaboração do pensamento. Além disso, a compreensão epicúrea da alma como um corpo evidencia diferentes aspectos de sua natureza, uma vez que constituída de partes distintas, estas se relacionam buscando dar sentido ao conhecimento.

Nas etapas do processo cognitivo, Epicuro sugere que a alma possibilita a passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções projetando para uma atividade mais evoluída do conhecer humano. Segundo ele, a alma é responsável pela “projeção” dessas etapas cognitivas na elaboração de uma investigação minuciosa dos fenômenos realizada pelo investigador.

Epicuro afirma que a alma apresenta uma composição variada, a saber, é constituída de átomos sutis e móveis denominados por ele de ventosos e ígneos, referindo-se à parte irracional da alma (*alogón*), e os que se referem à parte racional (*logikón*), a saber, são átomos especialíssimos que constituem a parte racional da alma, a qual sempre multiplica e sempre flui possibilitando uma atividade reflexiva conforme apresenta Diógenes Laércio, no passo seguinte:

[...] Ele diz em outra parte que a alma é composta de átomos extremamente lisos e arredondados, muito diferentes dos átomos do fogo; que a parte esparsa por todo o resto do corpo é irracional, enquanto a parte racional reside no peito, como podemos perceber claramente em nossos temores e em nossa alegria; [...].⁹²

⁹¹ DL, op. Cit., X, 63. p.298.

⁹² DL, op. Cit., X, 66. p.298.

Na teoria do conhecimento de Epicuro, podemos identificar uma tentativa de demonstrar que há uma relação de adequação entre as impressões dos sentidos e as pré-noções que temos da realidade investigada na própria natureza; Segundo ele, isso ocorre devido a atividade reflexiva da alma. Entretanto, como ocorre essa dinâmica entre as etapas cognitivas? Segundo Epicuro, a parte irracional da alma (*álogon*) situa-se na maior parte do corpo, é responsável pela impressão das sensações que passam pelos órgãos dos sentidos estabelecendo uma primeira forma de contato com a realidade. No que se refere à parte racional (*logikón*), ele sugere ser esta parte responsável pelo domínio do corpo e pela operação das afecções que se imprimem na alma. Ademais, Epicuro admite que a alma se decompõe por ser constituída de átomos, modificando a compreensão dos fenômenos, pois o indivíduo tem um corpo afetado constantemente, e, sendo assim, possibilitando pensamento e, conseqüentemente, conhecimento, por estarem as duas partes: *alogón* e *logikón* sempre possibilitando interações que auxiliam o homem a conhecer a realidade na qual ele vive.

Assim, Para Epicuro, todo contato tendo como resultado sensação, simulacros, afetará os sentidos proporcionando noções antes já vivenciadas e encontradas na alma. Por conseguinte, o corpo tem uma função primordial nessa dinâmica da atividade intelectual da alma. O corpo está diretamente ligado à realidade perceptível proporcionando, portanto, esse interagir entre o indivíduo e a *phýsis*. Neste sentido, o binômio corpo/alma tem em comum o fato de utilizarem os órgãos dos sentidos como vias de entrada de dados exteriores. Sendo assim, a compreensão da alma no pensamento de Epicuro é definida como uma realidade corpórea, opondo-se à ideia de alma incorpórea.

Portanto, corpo e alma, sensibilidade e racionalidade se interagem e proporcionam o “salto” para que o investigador tenha uma compreensão da realidade.

O capítulo a seguir terá como objetivo apresentar uma discussão acerca do alcance e limites do conhecimento epicúreo, apresentado as seguintes reflexões: o que pode o conhecimento e em que ele se aplica. Para tanto, será discutida a hipótese de que não há uma necessidade de estabelecer uma verdade absoluta sobre a realidade, tendo como base as proposições que compõem as *Cartas, Máximas e Sentenças*. Mesmo ao se admitir as dificuldades para dar curso a tal projeto, serão levadas em consideração as evidências no *Corpus* epicúreo que possibilitam inferir um modo específico de conhecer a partir da *physiología*.

4 A FINALIDADE DO CONHECIMENTO EM EPICURO

Epicuro afirma que há duas coisas estreitamente unidas entre si, a imagem (*fantasia*) e a opinião (*dóxa*), das quais a imagem, que ele denomina também evidência (*enargéia*), é sempre verdadeira. É necessário raciocinar de uma maneira análoga a propósito das imagens particulares. Pois o objeto visível não apenas se manifesta de modo visível, mas é tal como se manifesta, e o objeto sonoro não apenas se manifesta como sonoro mas ele é tal como se manifesta, e assim para todos os outros. Portanto, todas as imagens que se produzem são verdadeiras e conforme a razão; Pois, afirmam os epicuristas, se a imagem é afirmada como “verdadeira” todas as vezes que provém de um objeto real e em conformidade com este objeto real, já que toda imagem provém de um real objeto da imagem (*fantastón*) e é conforme a este objeto, toda imagem é necessariamente verdadeira.⁹³

A peculiaridade do processo cognitivo em Epicuro consiste tão somente no fato de atribuir ao homem a capacidade de pensar e emitir juízos a respeito de si e de outros compostos. Este processo deve ser explicado em decorrência das interações (choques) entres os átomos. Desde que algo existe – por exemplo, um mundo a ser pensado e conhecido – este algo veio a ser em virtude dos choques.

Para Epicuro, o critério fundamental de conhecimento é a sensação. Impôs-se, aqui, contra praticamente toda a tradição filosófica que lhe precedeu e afirmou não apenas o caráter objetivo da sensação, mas também a sua validade absoluta como critério de verdade. Assim, é por meio dos sentidos que nos chegam as imagens das coisas. Os sentidos atestam que todas as coisas que nos cercam vêm a ser e desaparecem. Tanto a geração quanto a corrupção só podem ser explicadas se admitimos a permanência de um substrato cuja natureza não pode ser outra que a matéria, conforme observa Duvernoy⁹⁴: “o epicurismo diz que o conhecimento deve reportar-se à sensação, e que a existência da matéria, tal como ela é, não se deduz. A realidade é tal que existe alguma coisa, e essa alguma coisa é a matéria”.

Observa Lucrecio⁹⁵ que o conhecimento é um processo originado da relação entre natureza sensória e mental do homem e as coisas do mundo. Segundo Epicuro, a natureza (*phýsis*) é aquilo que afirmo em mim como sensação, uma vez que ela apresenta-se de maneira imediata e evidente, por conseguinte, inegável. Ademais, a atividade do espírito

⁹³ Sexto Empírico, (Adversus Mathematicos VII, 203-216). Apude Conche, M. *Épicure: lettres et maximes*, p. 22-23.

⁹⁴ Duvernoy, J.-F. Op. cit., p. 42.

⁹⁵ Lucrecio, op.cit., IV, v. 479-489. P. 85.

humano é racional, porém a sua legitimidade resulta da conformidade que estabelecemos entre o que é pensado e o que é percebido.

Segundo Diógenes Laércio⁹⁶, os epicuristas afirmam que todas as sensações são verdadeiras, porém, surge uma dificuldade: como explicar a incompatibilidade entre a torre redonda vista ao longe e a mesma torre que vista de perto é quadrada? Os epicuristas procuram reafirmar a infalibilidade das sensações argumentando com a teoria dos simulacros conforme afirma Lucrécio:

Quando vemos ao longe as torres quadradas duma cidade, acontece que muitas vezes as percebemos redondas, visto que todo ângulo percebido de longe parece obtuso ou até mesmo não se vê e perde o seu efeito, sem que aos nossos olhos chegue qualquer impressão; efetivamente, os simulacros, ao serem levados pelo ar, ficam muito fracos, em virtude dos choques freqüentes com o mesmo ar. Assim, o ângulo escapa aos nossos sentidos e todas as estruturas de pedras aparecem como se tivessem sido passadas no torno, não porque efetivamente e verdadeiramente sejam, redondas, mas porque as formas surgem como que diluídas numa penumbra.⁹⁷

Nesta passagem Lucrécio sugere que, ao observador inferir uma opinião deve-se levar em consideração as condições físicas nas quais ele está posicionado, uma vez que a distância, os simulacros chegam desgastados pelos choques com o ar ao longo do caminho até ao observador, induzindo-o a julgar que a torre é redonda. Entretanto, ao observá-la de perto irá atestar que, de fato, ela é quadrada. Assim, para Epicuro a falsidade e o erro estão na opinião que acrescentamos às sensações, isto é, dependem da superposição de uma simples opinião quando um fato espera a confirmação crítica, ou, pelo menos, espera não ser contraditado.⁹⁸ Sendo Assim, o conhecimento se dá na relação entre as atividades irracionais e racionais, visto ser o único modo de realizar uma investigação da realidade. Entretanto, qual o objetivo do conhecimento para Epicuro?

Epicuro afirma que o estudo da natureza tem por finalidade libertar o homem dos grandes temores que ele tem a respeito da morte, dos deuses, ou seja, possibilitar ao homem desvencilhar-se das opiniões errôneas. Segundo Epicuro, o estudo da natureza possibilita uma nova leitura identificando erros anteriores, estabelecendo novas opiniões sobre os fenômenos

⁹⁶ DL, op. Cit., X, 32, p. 289.

⁹⁷ Lucrécio, op.cit., IV, v. 354-364. P. 83

⁹⁸ DL, op. Cit., X, 50, p. 294.

observados e interpretados. Observa Balaudé⁹⁹ que Epicuro faz caça às opiniões vazias afirmando: “opiniões vazias são aquelas que pensam o impossível, não obedecendo àquilo que nos aparece aos sentidos”.

Na Máxima 12, Epicuro afirma que sem o estudo científico da natureza não seria possível fruir os prazeres em sua pureza. Para ele, as explicações sobre os fenômenos devem ter como critério as evidências daquilo que nos aparece aos sentidos, uma vez que, quem contradiz a evidência dos fatos, jamais poderá gozar de genuína paz mental¹⁰⁰. Deste modo, Epicuro sugere que, a cada fenômeno investigado a partir do método das múltiplas explicações, é imprescindível calcular pelo critério das impressões sensíveis, visto que entrar em desacordo com as evidências significa assumir a crença que se expressa nas opiniões falsas do mito conforme o passo seguinte:

Não devemos fazer indagações sobre a natureza de acordo com axiomas vãos e leis arbitrárias, e sim de acordo com o desafio dos próprios fenômenos. Nossa vida não necessita de irracionalidade nem de opiniões vãs, e sim de que vivamos sem perturbações.¹⁰¹

Epicuro afirma que a ausência de temores possibilita o indivíduo inferir opiniões desprovidas de impressões equivocadas, uma vez que ele afirma depender a fruição dos prazeres do conhecimento dos limites do corpo, o que só é possível com a *physiología*. Viver distante das opiniões vazias auxilia para a compreensão das verdadeiras causas dos fenômenos da natureza, distanciando o homem dos medos que ocasionam perturbações à alma. Destarte, Epicuro sugere o uso de um método que tem como característica principal a observação dos fenômenos físicos, o qual visa Ao conhecimento voltado para a vida prática.

4.1 O MÉTODO EPICÚREO

⁹⁹ Balaudé, 1999, p. 1206.

¹⁰⁰ DL, op. cit., X, 96, p. 289.

¹⁰¹ Ibidem., X, 87, p. 303.

Nas Cartas e nas Máximas há indícios de que Epicuro se utilizava de um método para abordar as questões da física e da ética. Segundo Diógenes Laércio¹⁰², Epicuro tratou da questão do método para a investigação da natureza num livro intitulado *Canon*. Algumas passagens das *Cartas* atestam que, para Epicuro, a *physiología* exige um modo particular de conduzir a investigação da realidade. Assim sendo, o modo pelo qual Epicuro elabora adequadamente a observação dos fenômenos naturais e o modo pelo qual o indivíduo busca a felicidade sugere o uso de um método epistêmico.

O *Corpus* epicúreo atesta que a atitude do *phylosophós* implica sempre uma investigação da *phýsis* e da ética. Na primeira, o investigador busca compreender o que há, o que é, o que existe e como existe, isto é, sobre o mundo das coisas. De acordo com Epicuro, investigar a *phýsis* implica conhecer os limites do agir humano. É partir das sensações que podemos calcular se nossas opiniões estão fundamentadas na *phýsis*. No parágrafo 143 das Máximas Principais, Epicuro afirma:

Quem desconhece a natureza do todo, mas sente um temor cheio de dúvidas por causa de alguns mitos, não consegue livrar-se do medo em assuntos extremamente importantes. Sendo assim, sem o estudo científico da natureza não seria possível fruir os prazeres em sua pureza.¹⁰³

O Exercício da *physiología* para Epicuro é fundamental para o investigador em conformidade com a *phýsis* elaborar suas opiniões e teorias, ou seja, a autenticidade do conhecimento está em medir suas opiniões com a própria natureza (*phýsis*). Esta é a referência do que somos e almejamos; modelo para termos uma vida tranquila, ausente dos medos, e das falsas opiniões. Assim, a necessidade do estudo da natureza sugere a utilização de um método para obter o conhecimento, o qual tem como principal preocupação a projeção de um saber aplicável à vida prática como sugere o passo seguinte:

¹⁰² DL, op. Cit., X, 31, p. 289.

¹⁰³ DL, op. cit., X, 143, *Máximas Principais* XII, 1998, p. 317.

Assim, se esta exposição for memorizada cuidadosamente e produzir efeito, creio que qualquer pessoa, seja ela quem for, embora não penetre em todos os detalhes mínimos, conquistará uma segurança incomparavelmente forte em comparação com o resto da humanidade. Com efeito, por si mesma ela esclarecerá muitos pontos particulares por mim tratados exaustivamente no sistema completo de minha doutrina, e esses mesmos elementos, uma vez fixados na memória, jamais cessarão de ajudá-la.¹⁰⁴

O método epicúreo apresenta como característica a observação dos fenômenos físicos, determinando sua forma de expressar as opiniões acerca da realidade. Epicuro afirma nas Cartas que, para inferir uma opinião sobre um determinado fenômeno, este deve ser observado por diversas vezes, fazendo-se necessário a confirmação dos fatos verificados. Além disso, o método proposto por Epicuro tinha como objetivo delimitar um modelo investigativo que fosse capaz de ser utilizado na vida prática, revelando um modo de viver e de compreender a natureza.

Assim, todo conhecimento apreendido por meio deste método tem como finalidade interagir homem e natureza da melhor forma possível. Entretanto, Epicuro admite a possibilidade da existência de determinados objetos não serem evidenciados pelos parâmetros instituídos pelo seu método. Consequentemente, isto implica admitir as limitações do modelo com o qual o investigador observa a natureza.

Segundo Elizabeth Asmis¹⁰⁵, o método epicúreo poderia ser utilizado em dois momentos diferentes: num primeiro momento, o investigador deve ter como pretensão a correspondência entre os conceitos tratados e as palavras usadas para nomeá-los. Observa Epicuro que se deve ter o cuidado com o uso de palavras ao conceituar os fenômenos observados para não distanciar do significado original.

No segundo momento, observa Asmis, o investigador deve fazer uso das observações possibilitando evidências acerca do que está sendo investigado, uma vez que a observação é de suma importância para a distinção dos objetos e para a compreensão da *phýsis*. No entanto, que instrumentos o método epicúreo utiliza para o conhecimento dos objetos a serem investigados? Para Epicuro, são os órgãos dos sentidos, uma vez que os órgãos do corpo humano são receptores e mediadores das imagens providas dos objetos em investigação. Neste sentido, o método epicúreo conjectura o corpo como referência para o investigador obter o conhecimento acerca da natureza.

¹⁰⁴ DL, op. cit., X, 83, p. 302.

¹⁰⁵ Elizabeth Asmis, *Epicurus' scientific method*, 1984, p.20.

Outro ponto pertinente na presente discussão refere-se ao modo de como surgem as investigações que apresentam características epistêmicas tendo como modelo o método epicúreo. Segundo sugere Elizabeth Asmis¹⁰⁶, o início se dá a partir de um conceito geral acerca de um fenômeno particular, isto é, que o fenômeno particular exerça uma relação com o conceito geral. Entretanto, há realidades que não podem ser demonstradas pelos sentidos, devendo-se levar em consideração os conceitos próximos do que é investigado, uma vez que a formulação de um conceito epistêmico tem como ponto de partida a experiência, a saber, apresenta um conceito geral, podendo transformar-se em conhecimento na etapa final do processo.

No *Corpus* epicúreo, atesta-se o uso de analogias para a explicação das realidades que os sentidos não conseguem perceber, a saber, o vazio, os deuses, o átomo, uma vez que o método epicúreo não restringe somente o que é perceptível aos sentidos. Assim, na ausência de noções gerais acerca das realidades imperceptíveis aos sentidos, Epicuro recorre à analogia para investigar os seus conceitos, como observa Diógenes Laércio no passo 32:

[...] Realmente, todas as nossas noções derivam das sensações, seja por incidência, ou por analogia, ou por semelhança, ou por união, com uma certa colaboração também do raciocínio. As visões do louco e as que aparecem nos sonhos são verdadeiras, porque movem a mente; e o que não existe não a move.¹⁰⁷

No poema de Lucrécio, constata-se o uso de analogias - modo de proceder através do método epicúreo - na tentativa de explicar um fenômeno que os sentidos não conseguem inferir nenhuma opinião, como sugere a seguinte passagem:

Do que acabo de dizer temos nós sempre presente, ante os olhos, o traslado e imagem. Observar os raios do sol que entram dando sua luz na obscuridade de uma casa: verás que na própria luz dos raios se misturam, de modos vários, numerosos corpos diminuídos, e, como se fosse em eterna luta, combatem, dão batalhas, por grupos certos se guerreiam e não há pausa agitados como estão pelos encontros e pelas separações freqüentes. Podes imaginar por isto o que será a perpétua agitação no vago espaço dos

¹⁰⁶ Elizabeth Asmis, *Epicurus' scientific method*, 1984, p.51.

¹⁰⁷ DL, op. cit., X, 32, p. 290.

elementos das coisas na medida em que um pequeno fato pode dar a idéia de grandes coisas, e elementos para seu conhecimento.¹⁰⁸

Nesta passagem, Lucrécio evidencia que o modo de proceder do método investigativo de Epicuro possibilita ao investigador inferir opiniões acerca das realidades imperceptíveis aos sentidos, conciliando dados da experiência sensível com o pensamento abstrato. Ademais, para Lucrécio o modo de apreensão dos conceitos acerca das realidades imperceptíveis difere dos conceitos apreendidos das realidades percebidas pelos sentidos.

Assim, o método epicúreo possibilita ao investigador julgar os dados provenientes da observação, projetando um pensamento ou uma opinião acerca do fenômeno investigado, uma vez que o critério utilizado pelo método é a demonstração dos dados percebidos pelos sentidos.

No passo 75 da Carta a Heródoto, Epicuro sugere como ocorrem as etapas do processo cognitivo, ou seja, como se dá a construção do conhecimento. Para ele, o conhecimento humano é decorrente da relação com a natureza e com o cálculo racional (*logismós*), necessário para a compreensão da realidade, proporcionando ao indivíduo um modo de ser e de agir conforme a natureza.

4.2 FINALIDADE DO CONHECIMENTO: UM SABER APLICÁVEL À VIDA PRÁTICA

Para os epicuristas, a sensação é a medida da verdade, por ser ela a única experiência que possibilita ao homem ter contato com a realidade. Por conseguinte, é nela que o indivíduo se fundamenta para discernir o que é verdadeiro ou falso, visto só poder ser considerado real aquilo que o indivíduo percebe. Além disso, a sensação é também a medida do agir humano. Ao passo que, por ela ser causadora de afecções, delimita os discernimentos do homem.

Epicuro na sua gnosiologia concede aos sentidos a função de critério de verdade do conhecimento, visto ser por meio dos sentidos que as imagens das coisas nos atingem. Ademais, é através das afecções que aceitamos ou rejeitamos as coisas. Neste sentido, para Epicuro, o modo pelo qual o indivíduo conduzirá a sua vida deve estar em conformidade com o conhecimento que legitima e calcula os prazeres e dores, uma vez que viver com sabedoria

¹⁰⁸ Lucrécio, op.cit., II, v. 112-124. P. 48.

implica viver distante das perturbações conforme a passagem seguinte: “Convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo daquilo que é útil e a ponderação daquilo que é prejudicial, porque em certas circunstâncias o bem é um mal para nós e o mal é um bem para nós”¹⁰⁹.

Entretanto, para Epicuro, de que modo o indivíduo obtém o conhecimento? Para ele, o conhecer resulta da *physiología*. A partir da *phýsis* as nossas opiniões são constituídas, proporcionando ao homem agir sempre em conformidade com a natureza. Observa Epicuro que o estudo da natureza evidencia o mundo e o prazer constitutivo (*hedoné katastematiké*) que representa o maior bem do homem: a felicidade. Assim, o valor do conhecimento está em o indivíduo livrar-se das opiniões errôneas e dos prazeres desprezíveis.

Para Epicuro, é necessário justificar determinados fenômenos que costumamos aceitar ou recusar. O que é prazeroso ou desprezível requer uma conformidade, uma medida que dá validade às nossas opiniões conforme sugere o passo seguinte:

Se não nos perturbássemos com nossas dúvidas a respeito dos fenômenos celestes, e se não receássemos que a morte significasse alguma coisa para nós, e também não nos perturbássemos com nossa incapacidade de discernir os limites dos sofrimentos e desejos, não teríamos necessidade da ciência natural.¹¹⁰

Observam Long e Sidley, as afecções no *Corpus epicúreo* exercem um papel crítico na *phýsis*, particularmente como nossa fonte de dados de introspecção para averiguar a natureza da alma¹¹¹. Assim, as afecções (*pathé*) para Epicuro servem de parâmetro tanto para o homem fazer escolhas como também rejeitar sentimentos que possibilitem perturbações na alma.

O homem aprende a escolher, de forma sábia, compreendendo a própria realidade (*phýsis*), uma vez que ela é considerada por Epicuro como o princípio, a fonte da vida física, psíquica e ética.

Comentando a *Máxima Capital* 11, Balaudé¹¹² afirma: “O estudo da natureza (*physiología*) é justificado pela necessidade de colocar em ação o tetrafármaco, isto é,

¹⁰⁹ DL, op. cit., X, 130, p. 313.

¹¹⁰ DL, op. cit., X, 142, *Máximas Principais* XI, 1998, p. 316.

¹¹¹ L.S. 1992, 1, pg.40

¹¹² Balaudé, 1999, pg. 319, n°1

conhecer, no sentido mais amplo da palavra, impõe àquele que conhece remeter-se ao campo prático da vida: na sensibilidade que origina todo conhecimento, e na vida moral que é a única razão de ser do primeiro”.

Assim, Epicuro ao desenvolver sua concepção sobre a felicidade afirma que para ser feliz faz-se necessário uma justa apreciação do prazer e de seus limites. Essa justa apreciação do prazer requer do homem um contato constante com a natureza (*phýsis*).

4.2.1 O prazer constitutivo (*hedoné katastematiké*)

O contexto histórico de Epicuro o impulsionou a estabelecer um projeto de vida baseado na realidade do próprio indivíduo. Este deveria ter como propósito, o que é natural em todos os homens, a felicidade. A sociedade de sua época estava perturbada pelas guerras constantes e arraigada em falsas promessas e superstições. A proposta de Epicuro aos seus contemporâneos era a de propor uma sociedade que tivesse como fim a felicidade, baseada na amizade, independe de uma hierarquia social. Ademais, Epicuro propõe ao homem de sua época a *physiología* para este alcançar o equilíbrio do corpo e da alma. É a partir desse equilíbrio que o homem começa a caracterizar e a atualizar seu *télos*: ser feliz.

Entretanto, Epicuro adverte: o indivíduo deve aprender com a própria natureza (*phýsis*) a ser sábio e ser feliz. Assim, a felicidade em Epicuro apresenta um fundamento constituinte: o prazer (*hedoné*). Para ele o prazer é um bem inerente ao homem, quer dizer, é da natureza do homem procurá-lo, uma vez que, de posse do prazer, ele torna-se feliz como sugere o parágrafo da Carta a Meneceu:

[...] Por isso afirmamos que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz. O prazer é nosso bem primordial e congênito, e partindo dele movermo-nos para qualquer escolha e rejeição e a ele voltamos usando como critério de discriminação de todos os bens as sensações de prazer e de dor.¹¹³

Neste sentido, o prazer para Epicuro é o bem maior que o indivíduo deve buscar incessantemente, visto que o prazer é o fim que proporciona ao homem a felicidade. Porém,

¹¹³ DL, op. cit., X, 128-129, p. 312.

deve-se atentar que a concepção de hedonismo apresentada por Epicuro difere dos estóicos¹¹⁴ e dos cirenaicos¹¹⁵. Segundo Diógenes Laércio, o hedonismo cirenaico propagava a busca por qualquer forma de prazer, a saber, aqueles obtidos por meio de grandes banquetes, festas, iguarias, mesas suntuosas. Para os cirenaicos, o prazer é atualizado por um movimento lento, enquanto a dor é identificada por um movimento tempestuoso conforme sugere o passo seguinte:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditavam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos.¹¹⁶

Diferentemente do hedonismo cirenaico, Epicuro sugere ao homem a busca pelo prazer duradouro (*hedoné katastematiké*), uma vez que este tipo de prazer proporciona ao indivíduo uma sensação de bem-estar (*aponia*), ou seja, livre de dores ou de temores que afligem a alma. Diógenes Laércio apresenta essas duas formas diferenciadas de conceber a ideia de prazer em Epicuro e nos cirenaicos:

Nas concepções a propósito do prazer Epicuros diverge dos cirenaicos. Estes, com efeito, não admitem o prazer estático, mas somente o prazer em movimento; Epicuros, ao contrário, admite ambos, quer os da alma, quer os do corpo.¹¹⁷

Outro ponto que diferencia a concepção hedonista de Epicuro da dos cirenaicos é que estes identificam um valor maior nos prazeres físicos que nos prazeres da alma. Para eles, a gravidade maior estaria nas dores corporais e não nas da alma.

¹¹⁴ Para os estóicos a felicidade é fundamentada na virtude.

¹¹⁵ Os cirenaicos concebem a idéia de prazer como ausência de dor.

¹¹⁶ Carta a Meneceu, p.43ss.

¹¹⁷ Diógenes Laércio, X, 136.

Ao contrário dos cirenaicos, para Epicuro os prazeres da alma são superiores aos do corpo. Ademais, Epicuro entende que o não-sofrimento do corpo, ou *aponia* é um prazer estável – catastemático; e o prazer da alma (*ataraxia*) se dá quando ela não sofre nenhum tipo de perturbação. Para ele, esses prazeres garantem a felicidade do homem. Além do mais, é importante considerar que, para Epicuro, quando o indivíduo está em *aponia* e obtém o prazer da alma (*ataraxia*), de certa maneira este indivíduo tem como fio condutor o pensamento (*diánoia*), o qual é fundamental para o homem adquirir uma ação reflexiva.

Assim, para Epicuro o prazer é constitutivo (*hedoné katastematiké*), isto é, inicia-se em movimento, porém, seu fim é tornar-se estável, apresenta a ideia de (*katástema*), a saber, pode ser entendido como o conjunto das partes que compõem um determinado ser vivo e o equilíbrio de suas partes. Observa Châtelet¹¹⁸, “o prazer se produz naturalmente e de si próprio, quando, pelo funcionamento natural dos órgãos, o equilíbrio fisiológico é restabelecido num ser vivo”. Podemos identificar que Epicuro apresenta a distinção entre o prazer em movimento, o qual pode manifestar-se por um determinado tempo, em um ser vivo proveniente de uma causa de dor; e o prazer em repouso, que se manifesta no momento da ausência de dor. Este, para Epicuro, é de valor maior, pode proporcionar o equilíbrio do corpo (*aponia*), ou seja, o prazer em repouso é concebido por Epicuro a raiz de todos os bens.

4.2.2 O cálculo dos desejos

Quem aprendeu a conhecer os limites da vida sabe que aquilo que remove o sofrimento devido à necessidade e torna a vida completa é fácil de obter, sendo assim, não há necessidade de ações que envolvam luta.¹¹⁹

A noção de *autárkeia* apresentada por Epicuro, segundo Duvernoy¹²⁰, é compreendida como autossuficiência com a noção do verbo *archo* (afastar). O homem autárquico tem como referência o modelo atômico; isto porque o átomo é simples, é impenetrável, nada pode afetá-lo. O sábio (*sophós*) é considerado aquele que aprende com a natureza (*phýsis*) a se afastar de sentimentos que provocam perturbações. Neste sentido, a

¹¹⁸ Châtelet, 1973, p.189.

¹¹⁹ DL, op. cit., X, 146, *Máximas Principais XXI*, 1998, p. 318.

¹²⁰ Duvernoy, *O epicurismo e sua tradição*, 1993, p.93.

autárkeia para Epicuro não é algo dado, é necessário conquistá-la. Para que o homem cultive e alcance a *autárkeia* é necessário o entendimento racional e a sabedoria.

Há uma exigência de interação do homem com a natureza (*phýsis*) que proporciona no seu modo de agir conforme limites que determinem o que pode ser permitido ou evitado. Assim, o sábio (*sophós*) deve investigar e descobrir os limites de sua própria natureza conforme a *physiología*. O exercício da *autárkeia* possibilita ao homem evitar contrariedades que normalmente proporcionam desequilíbrio no seu agir. Segundo Duvernoy¹²¹, o sentimento acompanhado de uma consciência de si mesmo é considerado por Epicuro de prazer catastematístico, a saber, é constitutivo (*hedonai katastematikai*), o qual apresenta a ideia de *katástema* que pode ser entendido como o conjunto das partes que compõem um determinado ser vivo e o equilíbrio de suas partes. Sendo assim, “o prazer se produz naturalmente e de si próprio, quando, pelo funcionamento natural dos órgãos, o equilíbrio fisiológico é restabelecido num ser vivo”¹²². Para Epicuro o alcance deste prazer é dado pelo exercício da *physiología* que proporciona ao sábio o conhecimento dos princípios da natureza (*phýsis*) que o torna independente. Neste sentido, a sua ação deve estar em consonância aos desejos que Epicuro denomina-os de naturais e necessários. Entretanto, se a sua ação não for conforme a natureza (*phýsis*), conseqüentemente será vã, visto ter ela sua origem em desejos os quais advém de opiniões vazias.

O modo de agir do sábio é de reduzir ao mínimo as dependências em relação a alguns tipos de prazeres, impondo limites e, conseqüentemente, escolher somente aqueles que são naturais e necessários, conforme parágrafo 127 da Carta a Meneceu:

Devemos também ter em mente que alguns dos desejos são naturais, e outros são infundados. Dos naturais alguns são necessários, e outros são apenas naturais; dos necessários alguns são necessários à felicidade, outros à tranqüilidade sem perturbações do corpo, e outros à própria vida.¹²³

Epicuro define os desejos em três classes, os que são naturais e necessários, os naturais e não-necessários, e os nem naturais nem necessários. No que se refere aos desejos naturais e necessários são aqueles que o corpo necessita para satisfazer as necessidades físicas

¹²¹ Ibidem, 1993, p.97.

¹²² Cf. Châtelet, 1973, p.189.

¹²³ DL, op. cit., X, 127, p. 312.

e a obtenção de uma boa saúde. Assim, é natural quando o corpo sente fome, sede, calor, frio, fadiga, e a realização desses desejos contribuem para o bem-estar do organismo.

Contudo, os desejos que são naturais e não-necessários fazem parte da natureza e, por isso, o homem pode realizá-los, já que são naturais. Porém, a realização pode não ser necessária; Epicuro adverte: se utilizados em excesso, o homem pode sofrer perturbações acarretando doenças e mal-estar. Esses desejos estão presentes no homem que só se satisfaz por meio de grandes banquetes, festas, iguarias, mesas suntuosas, que para Epicuro, pode-se viver sem tê-los saciados.

No que concerne aos desejos nem naturais nem necessários, Epicuro afirma serem aqueles que não têm sua origem no corpo, porém, na alma; encontrados em indivíduos que agem por opiniões vazias, valorizando a honra, a riqueza, os poderes, dentre outros semelhantes, nada acrescentando à natureza do homem.

Assim, o prazer para ser aceito ou evitado passa por uma negociação que o homem sábio possibilita consigo mesmo a partir de sua natureza individual, isto é, faz uso do cálculo que implica utilizar a razão como critério de escolha (*logismos*). Na *Carta a Meneceu* no passo 130, Epicuro afirma: “Convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo (*logismos*) daquilo que é útil e a ponderação daquilo que é prejudicial, porque em certas circunstâncias o bem é um mal para nós e o mal é um bem para nós”¹²⁴.

Nas *Máximas Principais* Epicuro sugere ser o limite dos prazeres resultado do cálculo racional. Assim, o indivíduo deve agir conforme a sua natureza particular, determinando o seu próprio limite diante das coisas que o mundo oferece, a saber, no parágrafo 144:

Raramente a sorte prejudica um homem sábio, pois as coisas principais e fundamentais sempre foram governadas pela razão, e por todo o curso da vida a razão governa e governará (...) O limite dos prazeres da alma resulta do cálculo racional dos próprios prazeres e das emoções afins a eles, causas habituais dos maiores temores do espírito.¹²⁵

Epicuro apresenta o *logismós* como o critério determinante do que é essencial para o indivíduo viver bem. Entretanto, a medida dos desejos passa por uma correta percepção da

¹²⁴ Ibidem, X, 130, p. 313

¹²⁵ DL, op. cit., X, 144, p. 317.

realidade. O cálculo racional tem como referencial os fenômenos do mundo, ou seja, é necessário haver conhecimento da realidade para ocorrer uma escolha que possibilite ao homem uma vida imune de perturbações interiores. Neste sentido, surge no *Corpus* um elemento fundamental para a atuação do cálculo racional (*logismos*) diante dos desejos, a saber, o corpo. Este recebe as primeiras impressões dos dados exteriores como também é nele que ocorrem as modificações fisiológicas decorrentes tanto de atitudes que provocam enfermidades quanto da recuperação do estado de saúde do corpo, a saber, como sugere o parágrafo 132 da *Carta a Meneceu*:

Não é a sucessão ininterrupta de banquetes e festas, nem o prazer sensual com meninos e mulheres, nem a degustação de peixes e outras iguarias oferecidas por uma mesa suntuosa que proporciona a vida agradável, e nem um cálculo sóbrio que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e elimine as opiniões vãs por obra das quais um intenso tumulto se apossa da alma.¹²⁶

Para uma melhor compreensão de como atua o cálculo racional (*logismos*) no discernimento dos prazeres, e ainda, compreender a noção de limites naturais do corpo, deve-se atentar para o modelo terapêutico epicúreo apresentado no *tetraphármakon*, o qual sugere que o corpo contém limites naturais que projetam o saber necessário para vida. Voelke¹²⁷ argumenta que o projeto terapêutico epicúreo divide-se em dois momentos. O primeiro está em rejeitar as opiniões vazias, tendo como motivo o fato delas apenas derivarem sofrimentos por não corresponderem ao que é realmente necessário ou ao que acontece na realidade. A *Máxima Principal* manifesta a rejeição das opiniões vãs: “A riqueza conforme a natureza é limitada e fácil de obter; a requerida pelas opiniões vãs estendem ao infinito”¹²⁸. Neste sentido, quando o corpo é condicionado ao cumprimento desses desejos desnecessários, implica um comprometimento na sua constituição proporcionando perturbações internas.

A *Sentença Vaticana* no parágrafo 59 apresenta a seguinte reflexão: “não é o ventre que é insaciável, como diz o tolo, mas a opinião falsa sobre a capacidade infinita que o ventre possui em se expandir”¹²⁹. Assim, pode-se constatar que há medida que determina o limite

¹²⁶ Ibidem, X, 132, p. 313.

¹²⁷ André-Jean Voelke, op. cit.

¹²⁸ DL, op. cit., X, 144, p. 317

¹²⁹ (Marcel Conche, op. cit. p. 203.

para aquilo de que é nutrido o corpo, e, a não observação desta medida significa proporcionar ao corpo a possibilidade de males à saúde.

O segundo momento da terapia epicúrea refere-se ao que é conferido pelas impressões (*prolépsis*), a saber, por intermédio das impressões é reconhecida a noção de limite que define a finalidade da natureza, como sugere Epicuro na *Carta a Meneceu*:

[...] Ele reflete intensamente sobre a finalidade da natureza e tem uma concepção clara de que o bem supremo pode ser facilmente atingido e facilmente conquistado, e que o mal supremo dura pouco e causa sofrimento passageiro.¹³⁰

Para Epicuro, o indivíduo que busca uma compreensão dos limites do corpo a partir da *physiología* tem a possibilidade de sempre superar os obstáculos, sofrimentos que a vida proporciona, uma vez que o corpo é referencial para o estado de equilíbrio do organismo.

Segundo Duvernoy¹³¹, Epicuro propõe uma reflexão sobre um tipo de afecção que se manifesta somente no composto humano: a dor. Esta provoca perturbações, desestabilizando, impedindo de o indivíduo manter-se em um estado de espírito tranquilo no mundo. De acordo com Epicuro, a dor é real e sensível, “é uma experiência interior na qual o eu só percebe a si mesmo, mas o percebe de modo insistente”¹³², como sugere o passo seguinte:

[...] A finalidade de todas as nossas ações é nos livrarmos do sofrimento e do temor, e quando atingimos esse objetivo desaparece toda a tempestade da alma, porquanto a criatura viva não tem necessidade de buscar algo que lhe falta, nem de procurar outras coisas com que possa realizar o bem da alma e do corpo.¹³³

Entretanto, Epicuro sugere que a dor é suportável, ou seja, com o uso do cálculo racional (*logismos*) o indivíduo pode eliminá-la, conforme as Máximas Principais¹³⁴: “A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está

¹³⁰ DL, op. cit., X, 133, p. 311.

¹³¹ Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.98.

¹³² Ibidem, 1993, p.99.

¹³³ DL, op. cit., X, 128, p. 312

¹³⁴ DL, op. cit., X, 139, p. 315

presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois”.

Observa Duvernoy, os textos de Epicuro que fazem alusão sobre a dor apresentam duas reflexões. A primeira refere-se à eliminação da dor, isto é, quando um indivíduo está vivenciando momentos de aflições e se utiliza do cálculo racional buscando prazeres agradáveis para dissolver a dor. A segunda reflexão refere-se à noção de que a dor é suscetível de intensidade, ou seja, sentimos dores mais agudas ou menos agudas. Conforme Epicuro, nas *Máximas Principais* no passo 140: “Uma dor contínua não dura muito tempo na carne; ao contrário, quanto mais aguda é a dor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vence o prazer, não dura muitos dias na carne”.¹³⁵

Contudo, Epicuro quando alude ao prazer, sugere que este não é suscetível à intensidade, a saber, o prazer catastemático, isto é, o prazer em repouso, o qual possibilita ao homem sábio o equilíbrio, conseqüentemente, eliminando deste as aflições, o sofrimento, a dor.

A investigação acerca da dor elaborada por Epicuro, sugere uma reflexão sobre a morte que no *Corpus* ela é discutida como algo que não tem sentido de existência para o homem, a saber, ela é privação de sensação conforme o passo seguinte: “Acostuma-te a crer que a morte nada é para nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é a privação das sensações”¹³⁶. Entretanto, o homem que se interage com a natureza (realidade), que é autárquico, educa seu olhar conforme a natureza, a morte é algo ilusório, não faz parte da realidade sensível, por conseguinte, o homem não tem como fazer experiência da morte, conforme o passo seguinte da Carta a Meneceu: “[...] Logo, o conhecimento correto de que a morte nada é para nós torna fluível a mortalidade da vida, não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade”.¹³⁷ O homem sábio aprende com a natureza que a morte é inexistente.

Segundo Epicuro, o indivíduo não se utilizando de uma investigação da natureza (*physiología*) para a compreensão de si mesmo não terá como livrar-se dos temores, dos medos fundados em mitos e em falsas opiniões. A morte está inserida no contexto do mito e das falsas crenças. Assim, o indivíduo só terá a consciência de que a morte não passa de uma realidade vazia a partir dessa investigação de acordo com a natureza (*phýsis*), como sugere o parágrafo 143 da *Máxima Principal*:

¹³⁵ Ibidem, X, 140, p. 315

¹³⁶ Ibidem, X, 124, p. 312.

¹³⁷ Ibidem.

Quem desconhece a natureza do todo, mas sente um temor cheio de dúvidas por causa de alguns mitos, não consegue livrar-se do medo em assuntos extremamente importantes. Sendo assim, sem o estudo científico da natureza não seria possível fruir os prazeres em sua pureza.¹³⁸

Entretanto, no *Corpus* epicúreo a morte pode ser compreendida a partir da dor que sinto ao perder um ente querido, um amigo, ou seja, para Epicuro esta morte é sentida por mim, porém, não é minha, por ser vazia em mim, é privação de sensação conforme a *Máxima Principal*:

Todos os homens capazes de proporcionar-se a mais completa segurança em relação aos vizinhos convivem da maneira mais agradável, pois têm a mais certa garantia de segurança e depois de conviverem na mais completa intimidade não lamentam a partida prematura de um dos seus como se o morto devesse ser lamentado.¹³⁹

Quando o homem age conforme a natureza (*katá phýsin*), crenças que asseguram a vida após a morte, paraíso eterno não aflige mais sua alma. Este estado de *aponia*, isto é, ausência de dor, proporciona ao indivíduo uma vida integral, consciente de si mesmo no mundo como um composto atômico, livre da necessidade do tempo infinito, ou seja, distante da vã noção de eternidade.

Conforme Epicuro, o ser humano é constantemente afetado por eventos naturais, a saber, afecções (*pathé*), sejam elas de prazer ou de dor implica o uso da sabedoria prática a que ele denomina de *phrónesis*.

4.2.3 Comedimento prático ou sabedoria no agir (*phrónesis*)

Para Epicuro, a sabedoria (*phrónesis*) é responsável pela mostraçãõ de que prazeres devem utilizar-se. É ela quem auxilia o indivíduo diante de determinados dilemas e nos

¹³⁸ Ibidem, X, 143, p. 317.

¹³⁹ Ibidem, X, 154, p. 321.

conduz à prática das virtudes. Neste sentido, o *phrónimos*¹⁴⁰ não teme a morte e nem os deuses, não se deixando levar pelas honrarias e nem pelo poder. Segundo Epicuro, a *phrónesis* é de valor inigualável, possibilitando ao sábio (*sophós*) a medida certa do agir; é dela que provêm todas as outras virtudes, conforme ele afirma no passo 132 da *Carta a Meneceu*:

[...] O princípio de tudo isso e o maior bem é a sabedoria; conseqüentemente a possessão mais preciosa da própria filosofia é a sabedoria, origem natural de todas as outras formas de excelência restantes, com efeito, ela ensina que não se pode levar uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem se pode levar uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. As formas de excelência são concomitantes com a vida agradável, e a vida agradável é inseparável delas.¹⁴¹

A *phrónesis* concebida por Epicuro é um instrumento criterioso para calcular a validade de nossas opiniões. Quando o homem não age com sabedoria, as suas ações e opiniões são fundamentadas no excesso e em falsas crenças. Sendo assim, vida simples não é possível se não se vive com sabedoria, de acordo com a natureza (*katá phýsin*). Essa sabedoria não é algo natural ao homem ou que ele receba gratuitamente; é resultado de uma busca, uma conquista a ser realizada pelo próprio homem. Por isso, para Epicuro a sabedoria não é comum a todos os homens. Como afirma Duvernoy¹⁴², “a sabedoria não é imediata, pois ela é de um ser composto, afetado de complexidade, de precariedade, de acidental”. Para o homem que deseja ser sábio não pode perder de vista o modelo atômico, o qual para Epicuro é realidade simples.

A busca pela sabedoria (*phrónesis*) apresentada no *Corpus* epicúreo é compreendida de tensões. Epicuro está sempre exortando, convidando o sábio (*sophós*) a ser prudente, buscar o equilíbrio entre a carência e o excesso, visto que o grande desafio para o homem é viver com sabedoria. Assim, o projeto epicurista de ser sábio, segundo Duvernoy¹⁴³, pode-se delinear em duas possibilidades: a primeira consiste em não perder de vista o simples como modelo, a segunda consiste numa busca para um máximo, implicando uma consciência de nós mesmos. Atingir este estado de consciência é viver sem perturbações: “A magnitude do prazer

¹⁴⁰ Termo geralmente traduzido por “aquele que detém uma sabedoria no agir”. Markus Figueira da Silva, *Epicuro: sabedoria e jardim*, 2003, p.75.

¹⁴¹ DL, op. cit., X, 132, p. 313.

¹⁴² Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.90.

¹⁴³ Idem, 1993, p.91.

atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois”¹⁴⁴.

A *phrónesis* para Epicuro é essencial para o homem viver agradavelmente¹⁴⁵ com moderação e justiça. Entretanto, viver com moderação não garante ao homem a felicidade. Assim, o sábio (*sophós*) deve constantemente buscar e realizar os desejos do tipo naturais e necessários. Estes desejos apresentam, por natureza, um preciso limite, livrando o indivíduo do sofrimento e da dor. Esse modo de agir proporciona um real prazer que lhe traz serenidade, uma realização plena de vida. Epicuro afirma que devemos optar pelos desejos naturais e necessários, por estes possibilitarem a felicidade, porque configuram que bastamos a nós mesmos e, neste bastar-se a si mesmo estão as maiores riquezas e felicidades.

Segundo Epicuro, para viver agradavelmente é preciso ser autárquico, bastar-se a si mesmo. Epicuro caracteriza o homem sábio (*sophós-phronéo*)¹⁴⁶ aquele que fundamenta as suas ações conforme a natureza (*katá phýsis*), ou seja, a partir de uma *physiología* e realizada com sabedoria (*phrónesis*), possibilitando-lhe agir livremente (*autárkeia*), podendo escolher e rejeitar os desejos que podem ou não torná-lo feliz. O sábio, (*sophós*) expressa, nas suas ações, atitudes, modos de vida no mundo, inclinados ao equilíbrio. Essas ações determinam a independência do homem diante de afecções que podem ser permitidas ou evitadas.

4.2.4 Corpo: enquanto *eustathéia* ou boa disposição

A compreensão de corpo apresentada por Epicuro é bastante peculiar. Para ele o corpo possibilita ao homem entrar em contato com os fenômenos da realidade e pelos quais temos consciência daquilo que sentimos e expressamos, visto que o corpo possibilita a ligação do indivíduo com a natureza, conduzindo-o a manifestar os seus modos de realização.

Segundo Silva¹⁴⁷, o termo grego *eustathéia* não foi encontrado no *Corpus* epicúreo, porém, é citado por H. Usener, no fragmento 68 da sua *Epicúrea*, na qual Plutarco atribui a Epicuro a seguinte proposição: “O gozo mais alto e mais sólido resulta da condição de

¹⁴⁴ DL, op. cit., X, 139, *Máximas Principais* III, p. 315.

¹⁴⁵ Ibidem, X, 140, *Máximas Principais*, V, p. 316.

¹⁴⁶ Silva, 2003, p.85.

¹⁴⁷ Silva, 2003, p. 53.

equilíbrio (boa disposição) da carne, e a esperança fundada de a conservar, para quem saiba considerá-la, proporciona (contém) a mais alta e segura alegria”.¹⁴⁸

Epicuro evidencia que, para o corpo alcançar o equilíbrio, implica termos atenção com as carências e os excessos, visto que estes estados físicos podem possibilitar doenças. Para que o homem possa atingir o equilíbrio é fundamental ter ele a noção dos tipos de desejos, os quais são causadores da boa-disposição ou do desequilíbrio do corpo conforme sugere o seguinte parágrafo:

Consideram também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida.¹⁴⁹

Para Epicuro, o equilíbrio entre as partes do corpo, o suprimento das carências que se expressam no corpo e o cuidado com os transtornos que fomentam as doenças são consequências do exercício do saber que procede da relação do corpo com a *phýsis*. Na Máxima Principal XXIV¹⁵⁰, Epicuro atesta ser as sensações critérios confiáveis para se conhecer, porém, faz-se necessária a abertura do corpo para as sensações possibilitarem a averiguação dos dados que passam pelos sentidos. Assim, o corpo para Epicuro é o elemento imprescindível para a reflexão acerca da realidade, ou seja, a sua forma de atuação no mundo possibilita que não se distancie o olhar do investigador enquanto este pretende conhecer a respeito do que o mundo é constituído, visto ele se encontrar inserido no contexto mutável dos corpos.

No *Corpus* epicúreo, o corpo aparece como aquilo que pode inferir um saber para a vida, cujo fundamento se dá nas experiências do cotidiano, além disso, corresponde às experiências de um *éthos* adequado, delineado tanto para o exercício da virtude como para a permanência da vida feliz e equilibrada. Destarte, sugere Epicuro, ser necessário haver a prática da sabedoria (*phrónesis*) para o homem escolher de forma segura os desejos que conduzem à saúde do corpo e à serenidade do espírito. Para ele, a necessidade dessa boa

¹⁴⁸ Apud. Markus Figueira da Silva, *Epicuro: sabedoria e jardim*, 2003, p.83.

¹⁴⁹ Carta sobre a Felicidade, 2002, p.35, UNESP.

¹⁵⁰ DL, op. cit., X, 147, *Máximas Principais* XXIV, p. 315.

escolha, deve-se ao fato de buscar seu *télos*, a felicidade e, por conseguinte, devemos nos afastar daquilo que nos torna infelizes: a dor e o medo.

Neste sentido, o homem que tem equilíbrio dos seus desejos tem o controle sobre si mesmo e terá a capacidade de evitar os desejos que podem causar efeitos danosos ao organismo e às suas funções psíquicas. O homem que tem domínio de si mesmo age conforme a natureza, possibilitando a ausência da dor, isto é, viver em estado de *aponia*. Este modo de viver em equilíbrio configura um modo de ser auto-suficiente no mundo, onde o indivíduo age por si mesmo, o que para epicuro é ser autárquico.

4.2.5 A *autárkeia*

A ética epicurista apresenta como fundamento do *sophós-phronéo*, a liberdade. O homem que age sabiamente é livre. Esta liberdade está fundada no agir por si mesmo, no bastar-se a si mesmo. Neste sentido, a *autárkeia*, segundo Epicuro, determina a ação sábia do *sophós*. Este expressa nas suas ações, atitudes, modos de vida no mundo, inclinada ao equilíbrio. Essas ações determinam a independência do homem diante das afecções que podem ser permitidas ou evitadas. O homem, agindo conforme o *logimós* e a *phrónesis*, alcança e tem sempre a possibilidade da *autárkeia*. O sábio sempre buscará realizar os desejos do tipo naturais e necessários. Estes desejos apresentam, por natureza, um preciso limite, livrando o indivíduo do sofrimento e da dor. Esse modo de agir proporciona um real prazer, trazendo-lhe serenidade, uma realização plena de vida. Epicuro sugere que devemos optar pelos desejos naturais e necessários, por estes possibilitarem a felicidade, porque configuram que bastamos a nós mesmos e, neste bastar-se a si mesmo, estão as maiores riquezas e felicidades conforme a passagem seguinte:

Consideram também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida.¹⁵¹

¹⁵¹ Carta sobre a Felicidade, 2002, p.35, UNESP.

A proposta da ética epicúrea é a de que qualquer homem alcance esse estado de autodomínio de si mesmo a partir de um agir individual, sendo essa proposta promulgada a todo cidadão para a realização de si mesmo e não ancorada nas propostas dos governantes, das forças políticas, geradoras do poder e do temor. O cidadão deve adquirir liberdade para ter poder de escolha e rejeição. A sua atitude ética deve ser sempre a partir de si mesmo e não de forças externas. Observa Silva, “Epicuro opta pela sabedoria de agir a partir de si mesmo e em prol de si mesmo”¹⁵².

Neste sentido, para Epicuro a *autárkeia* é um bem necessário ao sábio, devendo este evitar as ilusões resultantes de desejos não realizados, renunciando a idéia de necessidade, motivo pelo qual se pode afirmar que a satisfação com o pouco é um das exigências da sabedoria (*phrónesis*), conforme o passo seguinte:

Às vezes consideramos a auto-suficiência um grande bem, não porque em todos os casos devemos contentar-nos com pouco, mas para que se não tivermos o muito nos contentemos com o pouco, sinceramente persuadidos de que quanto maior a moderação com que se goza a abundância, tanto menor a necessidade dela, e de que todo desejo conforme a natureza pode ser facilmente satisfeito, ao passo que todo desejo vão é difícil de satisfazer.
153

Assim, Epicuro caracteriza o homem sábio aquele que fundamenta as suas ações conforme a natureza, ou seja, a partir de uma *physiología* e agindo a partir de uma sabedoria que lhe possibilite agir livremente, podendo escolher e rejeitar os desejos que podem ou não torná-lo feliz. Para Epicuro, somente o *sophós-phronéo* é capaz de evitar uma escolha que o conduza ao sofrimento e a vivenciar perturbações. Neste sentido, o sábio estará sempre exercitando para viver bem, isto é, para concretizar seu *télos*: a felicidade.

4.3 A FILOSOFIA COMO UM SABER PARA A VIDA (*TECHNÉ TIS PERÍ TON BION*)

¹⁵² Markus Figueira da Silva, *Epicuro: sabedoria e jardim*, 2003, p.88.

¹⁵³ DL, op. cit., X, 130, p. 313.

Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora da felicidade ainda não chegou ou já passou.¹⁵⁴

No início da Carta a Meneceu, Epicuro sugere o uso da filosofia para o homem alcançar seu *télos*, a felicidade. É uma atividade prática necessária para o indivíduo obter o conhecimento das coisas essenciais à vida, libertando-se das inquietações que afligem a alma. Entretanto, como o indivíduo obtém esse conhecimento? Para Epicuro, a aquisição do conhecimento se dá pela investigação da natureza (*phýsis*) da qual fazemos parte e somos constituídos. Neste sentido, a *physiología* possibilita o exercício do filosofar proporcionando ao investigador um distanciamento das concepções errôneas, a saber, temor aos deuses, à morte, à dor e à de que o bem é inatingível.

As concepções errôneas representam no pensamento epicúreo uma forma de enfermidade contagiosa que se dissipa rapidamente. Para conter este contágio, Epicuro propõe um método terapêutico baseado no uso da razão ou do cálculo, possibilitando inferir acerca do que pode ser aceito ou rejeitado. Assim, o conhecimento do que conserva o equilíbrio do corpo é efetuado pela alma por meio da razão, constata-se, fazendo-se necessária a compreensão da *physiología* do corpo para a conquista e o exercício do estado de equilíbrio, uma vez que as oscilações que acontecem na natureza revelam-se primeiro no composto corpóreo.

Neste sentido, Epicuro concebe a filosofia como instrumento terapêutico para sanar os males que afligem a alma, principalmente os temores, produzidos no homem pela imaginação, fundados em opiniões vazias e falsas crenças. O indivíduo acredita que ser real o vê, porém, ao investigar o pseudo fenômeno constata-se que ocorreu um erro de percepção, visto que, por este não ser sensível, não pode ser conhecido.

Nas quatro primeiras Máximas, Segundo Diógenes Laércio, Epicuro sugere os quatro remédios para diminuir ou, até mesmo, a cura total das perturbações e dos temores. Para ele, o *tetraphármakon* além de ser é uma resposta aos quatro males, é o suficiente para quem deseja uma vida feliz.

A Primeira Máxima¹⁵⁵ sugere que não devemos temer os deuses: “O ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a

¹⁵⁴ DL, op. cit., X, 122, p. 311.

¹⁵⁵ DL, op. cit., X, 139, *Máximas Principais* I, p. 315.

movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza”. Segundo Epicuro, os deuses não intervêm na vida dos homens ou na realidade na qual ele vive, podendo inferir que não existe uma providência divina determinando castigos ou premiações aos homens, visto que a natureza deve ser explicada por ela mesma. Assim, os deuses não decidem acerca dos problemas humanos, pois vivem exclusivamente para o prazer proveniente da sua imperturbabilidade eterna, conforme sugere o passo seguinte:

Em primeiro lugar considera a divindade um ser vivo e feliz, de acordo com a noção da divindade impressa em nós pela natureza, e não lhe atribuas coisa alguma estranha à imortalidade ou incompatível com a felicidade. Crê firmemente que a ela convém tudo que pode confirmar e não eliminar a sua bem-aventurança e imortalidade.¹⁵⁶

A Segunda Máxima¹⁵⁷ discute sobre o temor à morte: “A morte nada é para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós”. No *corpus* epicúreo a morte é apresentada como um agregado de átomos que se dissolvem juntos. Nessa dissolução restam somente átomos que vagueiam no vazio por toda parte. Ademais, em decorrência da dissolução não há mais consciência e sensibilidade, impossibilitando o pensamento e a dor. Para Epicuro, alguns indivíduos temem a morte por duas razões: primeiro, por acreditar que podem ser castigados ou premiados após a morte; segundo, por acreditar que seremos reduzidos a nada. Entretanto, ele afirma que não se deve temer a morte porque ao afetar o indivíduo, este nada mais sente; e depois dela nada resta do indivíduo, conforme o passo seguinte:

Acostuma-te a crer que a morte nada é para nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é a privação das sensações. Logo, o conhecimento correto de que a morte nada é para nós torna fluível a mortalidade da vida, não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade.¹⁵⁸

¹⁵⁶ DL, op. cit., X, 123, p. 311.

¹⁵⁷ DL, op. cit., X, 139, *Máximas Principais* II, p. 315.

¹⁵⁸ DL, op. cit., X, 124, p. 312.

A Terceira Máxima¹⁵⁹ discute sobre o bem maior, o prazer: “A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois”. Para Epicuro, o prazer fundamental é aquele que proporciona ao indivíduo a ausência dos temores e das dores. A eliminação das dores se dá pela contínua investigação da natureza. Ademais, ele classificou os prazeres em naturais e necessários, uma vez que nem todos os prazeres são desejáveis e nem todos os males devem ser rejeitados, por ambos proporcionarem uma dor ou um prazer de forma imediata, passando pelo cálculo dos prazeres.

Epicuro valoriza a prudência por ela auxiliar o homem nas escolhas corretas dentre os prazeres estritamente necessários à sua conservação; além disso, percebe estar o limite dos prazeres na ausência da dor. Assim, a *autárkeia* tem por finalidade afastar o homem de perturbações, uma vez que não pode deixar de temer aquele que não compreende a natureza do todo. Afastando-se dos erros de compreensão, especialmente acerca dos deuses, da morte, do bem e dos males, o homem alcança o estado de felicidade.

A quarta Máxima Principal¹⁶⁰ sugere ser a dor suportável: “Uma dor contínua não dura muito tempo na carne; ao contrário, quanto mais aguda é a dor menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vence o prazer, não dura muitos dias na carne. As doenças prolongadas permitem até uma preponderância do prazer sobre o sofrimento carnal”. Para Epicuro, a dor é uma afecção de experiência interna, porém, real e sensível. Isto implica a inferência de que ela é suportável, visto ser limitada.

Segundo Epicuro, o modo pelo qual o indivíduo busca superá-la implica uma atenção voltada para o prazer, possibilitando a sua eliminação, conforme o passo 128 da Carta a Meneceu: “... sentimos a necessidade do prazer somente quando sofremos pela ausência do prazer, mas quando não sofremos não sentimos mais a necessidade do prazer”. Neste sentido, Epicuro evidencia que os males físicos são suportáveis, visto serem eles suscetíveis de intensidade. No que se refere às dores menores, são fáceis de suportar; se as dores são de intensidade maior, passam logo; se são extremamente insuportáveis, tendem conduzir o indivíduo à morte.

O procedimento proposto por Epicuro no intuito de suplantar a dor releva um valor significativo no uso da memória (*mnéme*), uma vez que ela auxilia na manutenção da tranquilidade da alma. Para ele, o indivíduo, utilizando a memória, pode apreciar prazeres já vividos, visto que esses prazeres podem ser recordados com o propósito de minimizar as

¹⁵⁹ DL, op. cit., X, 139, *Máximas Principais* III, p. 315.

¹⁶⁰ Ibidem..

dores, como sugere o passo seguinte: “Cura as desgraças com a agradecida memória do bem perdido e com a convicção de que é impossível fazer que não exista aquilo que já aconteceu”.

Assim, o *tetraphármakon* tem sua importância terapêutica de proporcionar o equilíbrio do corpo e da alma, porém, a sua eficácia implica uma atividade filosófica de cunho prático, visto ser a filosofia para Epicuro um saber para a vida. Neste sentido, o exercício da filosofia possibilita ao indivíduo um aprendizado constante, configurando um modo de ser *phylosophós*, isto é, um indivíduo pensante que utiliza o pensamento para aceitar ou recusar aquilo que é necessário ou não para ser feliz. Observa Silva¹⁶¹, “o *physiologói* viceja agir sempre segundo a conveniência física da sua natureza, pra bem dispor-se no mundo”.

A filosofia, para Epicuro, deveria servir ao homem como instrumento de libertação e como via de acesso à verdadeira felicidade. Esta consistiria na serenidade de espírito que advém da consciência de que é ao homem que compete conseguir o domínio de si mesmo. O autodomínio - objetivo de toda reflexão filosófica - exige a libertação do jugo das falsas opiniões e a conquista do conhecimento verdadeiro e seguro da realidade e da posição do homem dentro dela. Segundo Epicuro, somente o *sophós-phronéo* é capaz de evitar uma escolha que o conduza ao sofrimento e a vivenciar perturbações. Neste sentido, o sábio estará sempre exercitando para viver bem, isto é, para concretizar seu *télos*: a felicidade.

4.4 A NÃO NECESSIDADE DE ESTABELEECER UMA VERDADE ABSOLUTA SOBRE A REALIDADE

Não procuramos forçar o impossível, nem adotar em tudo o mesmo método de pesquisa aplicado em minha exposição sobre os modos de vida ou naquela com vistas à solução dos outros problemas físicos, como, por exemplo, que o todo consiste em corpos e natureza intangível, ou que os elementos são indivisíveis, e proposições semelhantes, passíveis apenas de uma solução em harmonia com os fenômenos. Esse procedimento não é aplicável aos fenômenos celestes, que admitem não somente causas múltiplas de sua formação, mas também uma determinação múltipla de sua essência em harmonia com as sensações.¹⁶²

A concepção epicúrea de mundo possibilita a elucidação dos modos de expressão do modelo para a investigação da *phýsis*. Este modelo permite elaborar uma reflexão acerca do

¹⁶¹ Silva, 2003, p.43.

¹⁶² DL, op. cit., X, 86, p. 303.

modo pelo qual se origina o conhecimento. Para Epicuro, a possibilidade do conhecimento se dá pelo contato das partículas dos corpos componentes da realidade. Ademais, os corpos compostos são formados em razão da relação entre os corpos, dado tornando a realidade um espaço mutável. Isto implica observar que há uma dificuldade de assentar a realização do conhecimento de uma realidade onde há mudança frequentemente. Porém, observa Epicuro que o mesmo choque que transforma as configurações da realidade é responsável pela formação de novos compostos, ou seja, estruturas organizadas como o mundo são formadas a partir do aleatório e incessante ir e vir dos átomos no espaço, e não em obediência ao plano de uma inteligência criadora. Assim, sem a possibilidade dos choques dos eflúvios com os órgãos sensoriais, a investigação não terá fundamento, e, por conseguinte, as opiniões serão baseadas apenas em suposições infundadas.

O estudo da natureza proposto por Epicuro tem por objetivo propiciar ao indivíduo uma visão do todo (*tò pan*). Para ele, toda investigação sobre a natureza tem como primeiro pressuposto a abdicação das crenças baseadas em opiniões vazias. Neste sentido, percebe-se que o projeto gnosiológico epicúreo tem como ponto central um saber aplicável aos acontecimentos da vida prática.

Através de suas faculdades racionais, o homem consegue ultrapassar a imediatidade de seu contato com o mundo e obter uma visão que, em alguma medida, unifica os fenômenos que lhes são apresentados. Mas o faz apenas dentro dos limites que lhe impõe sua natureza, sem ter de recorrer aos critérios de um pensamento puro.

Assim, o modelo proposto por Epicuro, presente no *Corpus*, consiste na noção de que o conhecimento deve elucidar um modo de ser e de agir conforme a natureza (*phýsis*). A compreensão da natureza possibilita ao *physiologós* uma construção racional de uma saber para ser colocado em prática. Além disso, o modelo epistêmico epicúreo está voltado para interagir da melhor forma possível homem e natureza. A partir desta observação, pode-se conjecturar que Epicuro tinha consciência de que determinados objetos cujos caracteres não se desvelam a partir dos parâmetros estabelecidos pelo seu método, implicando aceitar as limitações do próprio modelo de observação da realidade.

No *Corpus* epicúreo não há evidência de que Epicuro pretendia construir, partindo da concepção atomista, um mundo fechado e determinista; contudo, ele apresenta uma noção na qual se admite a possibilidade de expansão na constituição dos corpos compostos que circundam pelo vazio infinito no espaço.

A *physiología* epicúrea proporciona ao investigador realizar sempre uma nova leitura da realidade que possa identificar erros de opiniões sobre os fenômenos observados. O

investigador é aquele que está em busca de definições, de descobrir princípios. Nesse processo gnosiológico ele tenta evidenciar o que pode ser considerado como falso ou verdadeiro. Porém, este campo de investigação que se dá na *phýsis* é indefinido, indeterminado. Neste sentido, não é possível o estabelecimento de uma verdade racional independente daquilo que nos é dado pelo testemunho sensível. As inferências são garantidas pelo reconhecimento da verdade advinda dos sentidos, conforme o seguinte passo:

Não devemos fazer indagações sobre a natureza de acordo com axiomas vãos e leis arbitrárias, e sim de acordo com o desafio dos próprios fenômenos. Nossa vida não necessita de irracionalidades nem de opiniões vãs, e sim de que vivamos sem perturbações. Todas as coisas acontecem ordenadamente se tudo se explica pela multiplicidade de suas causas, de acordo com os fenômenos, e se deixamos prevalecer, como devemos, explicações plausíveis a seu respeito.¹⁶³

Assim, os epicuristas fazem repousar a coerência de sua doutrina precisamente sobre o princípio de o contato com a realidade através dos sentidos legitimar as inferências que nos levam a uma compreensão da natureza em sua totalidade. Assim sendo, Epicuro não se propõe a elaborar um método científico, visto ter apenas como objetivo delinear um modelo investigativo capaz de ser aplicado na vida prática. Para Epicuro, a *physiología* é fundamental para o indivíduo ter consciência da própria realidade. Com efeito, compreender as realidades que fundamentam a própria *phýsis* é, de certa maneira, ser sábio. Observa Duvernoy¹⁶⁴ ser a vida do sábio “um conjunto de aproximações em vista da conquista da determinação máxima. E também um conjunto de reconstruções a partir desse máximo de determinação. Não somos mínimos reais, tendemos para isso”.

Neste sentido, a exposição da física tem como objetivo oferecer uma explicação coerente e necessariamente causal da realidade, servindo ao homem como garantia daquilo que é o mundo e parâmetro para a busca do que é verdadeiramente necessário para uma vida serena, isto é, uma vida feliz (*makários zén*).

¹⁶³ DL, op. cit., X, 87. p. 303.

¹⁶⁴ Duvernoy, O epicurismo e sua tradição, 1993, p.92.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como proposta estabelecer uma discussão em torno da *physiología* epicúrea com o propósito de especular acerca de uma compreensão da *phýsis*, tendo, como ponto de partida, seus variados modos de ser e seus aspectos gnosiológicos. A *physiología* é definida por Epicuro como o exercício constante do sábio de investigar a *phýsis*, produzindo um discurso sobre ela. Para o desdobramento desta temática, utilizamos como fontes as discussões encontradas nos textos de Epicuro e de seus seguidores, buscando corresponder com o que ele havia proposto sobre a *physiología*.

Para uma melhor compreensão de como foi apresentada a *physiología* epicúrea é pertinente retomar as hipóteses propostas para a orientação dos objetivos desse estudo.

A primeira hipótese apresentada para este trabalho teve como cerne a idéia de que a *physiología* implica em uma investigação acerca da *phýsis* e da ética. Para Epicuro, a *physiología* possibilita ao indivíduo um aprendizado constante, configurando um modo de ser *phylosophós*, isto é, um investigador que utiliza o pensamento para a compreensão dos estados da natureza (*phýsis*), ou ainda, que aprende a conhecer seus limites aceitando ou recusando aquilo que é necessário ou não para uma vida feliz. Quando o homem busca compreender fenômenos, tem como ponto de partida a própria *phýsis*. Ela educa o olhar do homem sobre a realidade.

A *phýsis* desvela ao homem os infinitos mundos e sua multiplicidade, configurando, na sua compreensão, uma realidade que sofrerá mudanças, corrupções e formando outras realidades conforme as suas naturezas, seja ela infinita ou finita. Compreender as realidades que fundamentam a própria *phýsis* é, de certa maneira, ser sábio. Para evidenciar essa compreensão da realidade, Epicuro apresenta as noções do todo, átomo e vazio. O todo, isto é, realidade infinita, é determinada por dois princípios constitutivos, a saber, átomo e vazio. O átomo é concebido como realidade indivisível e constituído de todas as coisas, por isso, ele é origem das realidades compostas. O vazio é concebido por Epicuro como o não-ser, realidade intangível e de existência real necessária para ocorrer o movimento dos corpos e, por conseguinte, o agregar-se e o dissolver-se das realidades.

Um outro elemento fundamental para a compreensão da *phýsis* epicúrea é a noção de movimento (*kinésis*), tal ele apresenta como crucial para o entendimento da realidade. O movimento determina a geração e a corrupção das coisas. Assim, a *phýsis* atua como pedagoga, possibilitando ao homem ter consciência de que as realidades sensíveis fazem parte

de uma geração e de uma corrupção natural. Com esta compreensão da realidade geradora e corruptível, o indivíduo concebe a morte como um fenômeno natural, visto a morte não ser mais que a dissolução dos compostos. Essa noção positiva da morte torna possível ao homem desmistificar a idéia da necessidade de preparar em vida a eternidade.

O modelo de conhecimento proposto por Epicuro não se limita a evidenciar e a elaborar questões acerca da gnosiologia. Ele apresenta um modo de vida que propõe a felicidade, baseado num projeto que passa por uma compreensão da realidade na qual ele vive. O homem concebe a *phýsis* como pedagoga para alcançar o verdadeiro prazer. Assim, o indivíduo que age de forma plena, basta-se a si mesmo; aprende a escolher de forma sábia compreendendo a sua própria natureza de ser. É o modo de agir conforme a natureza (*katà phýsin*).

A segunda hipótese formulada refere-se aos critérios para a compreensão da *phýsis*. Epicuro apresenta as sensações como garantia para obter o conhecimento. É pelas sensações que o homem conhece. O indivíduo, ao ter contato com os objetos, as coisas, e a maneira que este percebe pelos sentidos, possibilita a produção do conhecimento. O ato de conhecer é facultado por essa operação prévia que consiste no choque dos átomos dos corpos exteriores com os dos sujeitos pensantes. Sendo assim, os sentidos são significativos como forma de perceber a realidade e de como falar dessa realidade.

Epicuro, ao dar uma significativa importância à percepção sensorial, apresenta como esses objetos estão subdivididos em três momentos, dependendo do grau de intensidade com os sentidos, a saber, realidades que nos apresentam como perceptíveis e de onde podemos obter uma visão clara “de perto”; há aquelas que são do “alto” e em “cima da terra”, as quais não podemos perceber de perto e, por fim, aquelas que são imperceptíveis aos sentidos. A estas últimas realidades, ele apresenta como exemplos o átomo e o vazio, que, segundo ele, só são acessíveis ao pensamento. Assim, Epicuro fundamenta que a sensação é a desencadeadora de todo o processo do conhecimento, isto é, as impressões dos sentidos são consideradas o único critério dotado de segurança devido o caráter autoevidente que elas expressam.

Para Epicuro, a experiência é de suma importância para o conhecimento, o qual afirma ter toda e qualquer explicação a possibilidade de ser aceita, desde que seja constatada pela percepção sensorial. Isto porque, para ele, todas as coisas estão cheias de átomos que formam imagens ou simulacro (*eídola*) das mesmas, e as sensações são produzidas pela penetração de tais simulacros em nós. Neste sentido, o caráter autoevidente da sensação é, para Epicuro, absoluto, porque, quando os simulacros (*eídola*) penetram em nós, garantem essa objetividade. No que se refere ao engano que o sujeito tem de determinadas coisas, ocorre

pelo distanciamento dos simulacros em relação a determinado objeto ou fenômenos. Se um simulacro se afasta de um objeto, aquele, evidentemente apresentará uma distorção, isto é, quando ocorre o erro é devido a opinião que pode induzir um julgamento errôneo sobre a sensação.

Epicuro evidencia que, de certa maneira, nem tudo que se manifeste pode ser considerado verdadeiro. É preciso que esse fenômeno seja observado e que se utilizem critérios para que ocorra uma observação mais minuciosa deste fenômeno. Portanto, as sensações são critérios de validade para o conhecimento verdadeiro, quando estas passam por uma confirmação de dados pelos sentidos ou pela alma.

Na teoria do conhecimento apresentada por Epicuro, as afecções também são consideradas como critério para validar determinados tipos de conhecimento. Elas são consideradas importantes porque, a partir delas, há uma relação dos órgãos dos sentidos com as imagens produzidas pelas sensações. Neste sentido, as afecções produzem significados que se constata no cosmos e na relação do homem com os fenômenos da realidade. Elas não se produzem por si, porém, são produzidas por algo que podemos denominar o efeito do contato dos átomos com os corpos. Assim, as afecções se manifestam do contato dos corpos com outros corpos ou se dá no contato com o fenômeno. Segundo Diógenes Laércio, há dois tipos de afecções: a do prazer e a da dor. Por isso, elas se tornam um critério normativo do agir humano.

Um segundo critério de verdade presente na gnosiologia epicúrea refere-se às antecipações ou pré-noções. São entendidas como representações mentais das coisas que, para Epicuro, são produzidas pelo fluxo constante dos simulacros e por uma determinada regularidade e constância agindo no indivíduo. Na física epicúrea, esse movimento é proporcionado pelos efeitos dinâmicos presentes nos átomos. Além disso, a variedade de sensações que vão acumulando forma, ao longo do tempo, uma memória que é constituída por um acúmulo de registros, uma vez que estes passam por um processo de comparação e seleção de uns em relação aos outros, constituindo traços comuns e genéricos, estabelecendo uma noção geral.

Segundo Epicuro, quando um indivíduo está numa fase de investigação, ele recorre à memória, os conteúdos impressos na alma, possibilitando uma atividade intelectual que resulta em novos dados sobre o objeto investigado. Sem as *prolépsis* não haveria a possibilidade de o indivíduo fazer elaborações intelectivas por as sensações não poderem perceber essas realidades mentais. Num processo investigativo, o indivíduo tem a possibilidade de sempre recorrer à memória (*mnéme*) para rever conteúdos e novos conceitos

sobre o objeto investigado. Assim, para ele a possibilidade de criarmos conceitos é devido ao conjunto de conteúdos preexistentes na alma, no instante em que algo é percebido.

Outro critério que foi apresentado neste trabalho, refere-se às projeções do pensamento (*epibolé tês diánoias*), as quais Epicuro considera como a última etapa do processo cognitivo, mediante o qual o pensamento pode inferir a existência de algo que a sensação não atesta, a saber, os átomos, o vazio, uma vez que são imperceptíveis aos sentidos.

Para Epicuro, a possibilidade do pensamento se dá a partir das sensações até as impressões sensíveis, estas fixando na memória antecipando as noções básicas acerca de um fenômeno, resultando nas projeções do pensamento. Além disso, nas etapas do processo cognitivo, Epicuro apresenta a tarefa da alma como instrumento que possibilita a passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções, projetando para uma atividade mais evoluída do conhecer humano. É a alma responsável pelo “salto” dessas etapas cognitivas na elaboração de uma investigação minuciosa dos fenômenos apresentados ao indivíduo.

Outro ponto importante apresentado na teoria do conhecimento de Epicuro refere-se ao papel da alma como instrumento que possibilita a projeção numa elaboração minuciosa de uma determinada investigação. Epicuro apresenta a alma composta de realidades sutis referindo-se à parte irracional (*alogón*) e composta de realidades especialíssimas as quais se referem à parte racional (*logikón*). Estas duas partes da alma auxiliam o homem a conhecer a realidade como ela é.

Neste presente estudo, percebeu-se que Epicuro atenta para a importância do corpo e da alma como elementos imprescindíveis para o conhecimento dos fenômenos. A interação entre essas duas realidades possibilita ao investigador ter uma verdadeira compreensão da *phýsis*.

Foi visto ao longo dos capítulos que a *physiología* epicúrea tem por objetivo possibilitar ao homem uma compreensão da realidade (*phýsis*). O modelo epistemológico epicúreo parte das apreensões sensíveis, que originam da experiência do cotidiano. Neste sentido, a sensação é fundamento para o indivíduo discernir o que é verdadeiro ou falso, por só poder ser considerado real aquilo que o indivíduo percebe. Assim, o modo pelo qual o indivíduo conduzirá a sua vida deve estar em conformidade com o conhecimento que legitima e calcula os prazeres e dores, uma vez que viver com sabedoria implica viver distante das perturbações. Desse modo, para Epicuro, o valor do conhecimento está em o indivíduo livrar-se das opiniões errôneas e dos prazeres desprezíveis, visto ser ele necessário para a vida prática.

O exercício da *physiología* proporciona ao sábio o conhecimento dos princípios da natureza que o torna independente, autárquico. O alcance da sabedoria é resultado de uma busca realizada pelo próprio homem. Destarte, a filosofia é para Epicuro uma atividade prática necessária para obter o conhecimento das coisas essenciais à vida.

Outro ponto apontado neste estudo refere-se à finalidade do conhecimento humano. Epicuro propõe um modelo epistemológico que tem como ponto central um saber aplicável aos acontecimentos da vida cotidiana, uma vez que sua intenção não é tornar os critérios do método do conhecimento modelos universais. A compreensão da natureza tem por finalidade possibilitar ao indivíduo uma construção racional de um saber para ser colocado em prática.

As análises das Cartas, Máximas e Sentenças possibilitaram uma compreensão do que seria a *physiología* epicúrea e, apesar das limitações dos textos epicúreos, os resultados colhidos foram suficientes para evidenciar um modelo de investigação da natureza correspondente ao pensamento epicúreo.

A presente dissertação procurou discutir e demonstrar que a compreensão da *physiología* epicúrea está na busca de explicações para os fenômenos. O estudo da natureza proporciona ao investigador pensar a *phýsis*, ou seja, obter uma compreensão acerca dos seus modos de realização. Neste sentido, Epicuro delineia um modelo investigativo que deve ser aplicado na vida prática. Assim, o *physiologós* compreende a própria realidade como fonte da sua vida física, psíquica e ética, agindo conforme a natureza (*katá phýsin*).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ASMIS, Elizabeth. *Epicurus Scientific Method*. London: Cornell University, 1984.

BAILLY. *A dictionnaire Grec – Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950.

BALAUDÈ, J-F. *Epicure, Lettres, Maximes, Sentences*. Paris: LGF, 1984.

BLACKBURN, S. *The Oxford dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BOLLACK, J.; BOLLACK, M.; WISMANN, H. *La Lettre d'Epicure*. Paris: Les editions de Minuit, 1971.

BOLLACK, J.; LACKS, A. *Epicure à Pythoclès*. In: *Cachiers de Philologie*. Paris: Minuit, 1971.

BOYANCÉ, Pierre. *Lucrèce et L'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. (Les Grands Penseurs).

BROCHARD, V. *La théorie du plaisir d'après Epicure*, in *Etudes de philosophie ancienne et de philosophie moderne*. Paris: Vrin, 1974.

BRUN, Jean. *Épicure et épicuriens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

CHÂTELET, François. *A filosofia pagã*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*. Tradução de Federico Carotti. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1966.

CONCHE, Marcel. *Epicure: Lettres et Maximes*. Paris: Editions de Mégare, 1977.

_____. *Lucrece et l'expérience*. Paris: Éditions de Mégare, 1996.

CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae*. As origens do pensamento filosófico grego. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

DARAKI, María; ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *El mundo helenístico: cínicos, estoicos y epicúreos*. (Fernando Guerrero). Madrid: Akal, 1996.

DEMÓCRITO. *Fragmentos*. São Paulo: Abril, 1996. (Os Pensadores)

DUVERNOY, J.-F. *Le modèle medical de l'éthique dans l'épicurisme*, in *Justification de l'éthique*. Atas do XIX Congresso ASPLF. Bruxelas: Ed. Da Universidade de Bruxelas, 1984.

_____. *O epicurismo e sua tradição antiga*. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DROZ-VINCENT., G. “*Les foedera naturae chez Lucrèce*” in *Le concept de nature à Rome*. Éd. Carlos Lévy. Paris: Presses de L'École Normale Supérieure, 1996.

EPICURO. *Antologia de textos*. In: Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Marco Aurélio. São Paulo: Abril, 1980. (Os Pensadores).

_____. *Carta sobre a felicidade [A Meneceu]*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. *Lettres et maximes*. Texte grec, traduction, introduction et notes par Marcel Conche. – 5. ed. – Paris: PUF, 1999.

FABRES-SERRIS, J. “*Nature, mythe et poésie*” in *Le concept de nature à Rome*. Éd. Carlos Lévy. Paris: Presses de L'École Normale Supérieure, 1996.

FALLOT, J. *Il piacere e la morte nella filosofia di Epicuro*. Einaudi, 1977.

FARRINGTON, B. *A doutrina de Epicuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FESTUGIÈRE, A.-J. *Epicure et ses dieux*. Paris: P.U.F., 1958.

FINLEY, M. I. (Org). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Tradução de yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Editora da UNB, 1998.

FRAISSE, J.-C. *Philia: La notion d'amitié dans la philosophie antique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1984.

FURLEY, D. J. *Two studies in the Greek Atomists*. Princeton, 1967.

_____. *Lucretius and the Didactic Epic*. London: Bristol Classical Press, 2001.

GIGANTE, M. *Scetticismo e Epicurismo*. Napole: Bibliopolis, 1981.

_____. *Famadeum: Lucrèce et les raisons du mithe*. Paris: Vrin, 1998.

_____. *Lucrèce. Atomes, mouvement*. Paris: PUF., 2001.

GUAL, Carlos Garcia. *Epicuro*. Madrid: Alianza. sd.

GOLDSHMIDT, V. *La doctrine d'Epicure et Lê droit*. Paris: J. Vrin, 1977.

LAÉRCIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

LAPORTE, J. L. *Idée de nécessité*. Paris: P.U.F., 1941.

LENOBLE, R. *História da idéia de natureza*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1990.

LONG, A. A.; SEDLEY. D.N. *The Hellenistic Philosophers*. New York: Cambridge University, 1990.

LORENCINI, Álvaro; DEL CARRATORE, Enzo. Introdução. *in: Epicuro. Carta a Meneceu*. São Paulo: UNESP, 1997.

LUCRÉCIO. Da Natureza. *In: Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Marco Aurélio*. São Paulo: Abril, 1980. Título original: *De Rerum Natura*. (Os Pensadores)

MENEZES, M. R. de L.; CARVALHO, Ediane G. de. *Referências bibliográficas: NBR 6023*. Natal: EDUFRN, 2001.

MOREL, P.-M.. *Démocrite et la recherche des causes*. Paris: Klincksieck, 1996.

_____. *Atome et nécessité. Démocrite, Épicure et Lucrèce*. Paris: PUF., 2000.

MOTTA P., J. A. *As delícias do jardim* in *Ética*. Organização de Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PESCE, Dominico. *Introduzione a Epicure*. Roma: Laterza, 1998.

PETER, F. E. *Termos filosóficos gregos*. Um léxico histórico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

PETIT, P. *La civilisation hellénistique*. Paris: PUF., 1962.

PIGEAUD, J. *La Maladie de L'âme*. Paris: Lês Belles Lettres, 1981.

SALEM, J. *Commentaire de la lettre d'Epicure à Herodote*. Bruxelles: Ousia. 1993.

SARAIVA, F. R. dos S. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SEDLEY, D. *Lucretius and the transformations od Greek Wisdom*. Cambridge: Cambridge University, 1988.

SILVA, Markus Figueira da. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UFRN, 2003.

_____. *A compreensão de phýsis no pensamento de Epicuro*. In: Itaca, Cadernos de Pós-Graduação, Rio de Janeiro, 1995, p. 105-117.

STRIKER, Gisela. *Essays on Hellenistic epistemology and ethics*. New York: Cambridge University, 1996.

VARA, José. *Epicuro: Obras completas*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1995.

VITRAC, Bernard. *Médecine et Philosophie au Temps D'Hippocrate*. Saint-Dennis: PUV, 1989.

VOELKE, A-J, *La philosophie comme thérapie de l'âme: Etudes de philosophie*. Fribourg: Editions Universitaires, 1993.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.